



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

MARIA ESTHER DA COSTA ALEXANDRE

**O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS POR CRIANÇAS, EM BUSCA DE
REPRESENTAÇÕES DOS PAIS**

**Brasília-DF
2020.2**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

MARIA ESTHER DA COSTA ALEXANDRE

**O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS POR CRIANÇAS, EM BUSCA DE
REPRESENTAÇÕES DOS PAIS**

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Pedagoga pela Universidade de Brasília.

Orientador:

Prof. Dr. Hélio José Santos Maia

**Brasília-DF
2020.2**

O uso de tecnologias digitais por crianças, em busca de representações dos pais

Monografia apresentada à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial e insubstituível para obtenção do título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Hélio José Santos Maia (Orientador)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB)

Profa. Dra. Simone Paixão Araújo (Examinadora)
Instituto Federal Goiás - Câmpus Luziânia

Profa. Msc. Verônica da Conceição Silva (Examinadora)
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEED)

Msc. Ana Paula Costa Rodrigues (Suplente)
Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

CM332u COSTA ALEXANDRE, Maria Esther da
O uso de tecnologias digitais por crianças, em busca de representações dos pais / Maria Esther da COSTA ALEXANDRE; orientador Hélio José Santos Maia. -- Brasília, 2021.
68 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de Brasília, 2021.

1. tecnologias digitais. 2. mundo digital. 3. uso de telas por crianças. 4. percepção dos pais. 5. representação. I. Maia, Hélio José Santos, orient. II. Título.

Dedico à pequena Heloísa que vem sendo gerada em meu ventre enquanto realizo esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, que me oferece oportunidades diárias de existência e me deu as graças necessárias em estar finalizando esse curso, por sua infinita bondade.

À Nossa Senhora, minha mãe do céu, que sempre intercedeu por mim em meus pedidos.

Aos meus pais, Carlos e Lourdes, que me deram muito mais do que mereci e principalmente pela educação, me tornando o que sou hoje.

À minha irmã, Bruna, por ser minha inspiração nos estudos e em sua dedicação.

Ao meu irmão, Matheus, por ser meu parceiro nas atividades e brincadeiras.

Ao meu marido, Leonardo, que é meu porto seguro, me dando consolo e conforto.

Ao meu orientador, professor Hélio Maia, que foi paciente, me apoiou e me incentivou durante a construção deste trabalho, mesmo num período tão curto.

“Passamos o primeiro ano da vida de uma criança ensinando-a a caminhar, mas o resto de sua vida a se calar e a se sentar. Tem alguma coisa errada aí.”

Neil Degrasse Tyson

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar o uso excessivo de tecnologia digital por crianças, observando como os pais, educadores e médicos pediatras avaliam essa situação. Sabe-se que desde a criação da roda, aconteceram e acontecem centenas de evoluções tecnológicas que nos trazem ao momento atual, de propagação das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Por seu principal problema de pesquisa, a saber: "Quais as possíveis consequências de crianças utilizarem as tecnologias digitais de forma excessiva?" procurou-se como objetivo geral identificar causas e consequências do uso excessivo de tecnologias digitais por crianças por meio de representações que pais e responsáveis têm à respeito. Para seu alcance, como metodologia empenhei-me em realizar uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto, analisando o contexto tecnológico na sociedade, na família e quais são as consequências desse uso exacerbado. A metodologia qualitativa consistiu na coleta de dados com o auxílio do questionário *online* e com a coleta e análise dessas respostas, pudemos observar e entender como funciona o uso de dispositivos tecnológicos no contexto familiar. Por fim, ressalta-se a importância de reconhecer que as mídias são recentes e por muitas vezes, não compreendemos se existem consequências ou motivos favoráveis em utilizá-las, sendo assim, na última fase do trabalho pode-se observar o que as crianças e adolescentes acabam perdendo, caso fiquem por longos períodos em frente às telas. Entre as principais conclusões é possível apontar que há uma diversidade de motivos que levam pais a disponibilizar tecnologias digitais para o uso das crianças e a necessidade de controle nesse uso, sobretudo diante dos riscos que as crianças correm.

Palavras-chave: Tecnologias digitais; mundo digital; uso de telas por crianças; percepção dos pais; representação.

ABSTRACT

This research aimed to analyze the excessive use of digital technology by children, observing how parents, educators, and pediatric doctors assess this situation. It is known that since the creation of the wheel, hundreds of technological developments have taken place and take place that brings us to the present moment, of the spread of Information and Communication Technologies (ICTs). For its main research problem, namely: "What are the possible consequences of children using digital technologies excessively? The general objective was to identify causes and consequences of the excessive use of digital technologies by children through representations that parents and In order to reach it, as a methodology, I endeavored to carry out bibliographic research on the subject, analyzing the technological context in society, in the family and what are the consequences of this exacerbated use. With the help of the online questionnaire and with the collection and analysis of these responses, we were able to observe and understand how the use of technological devices in the family context works. Finally, the importance of recognizing that the media are recent and often not we understand if there are consequences or favorable reasons for using them, so in the last phase of the work, it is possible to observe what children and adolescents end up losing if they stay for long periods in front of the screens. Among the main conclusions, it is possible to point out that there are a variety of reasons that lead parents to make digital technologies available for the use of children and the need to control this use, especially in view of the risks that children run.

Keywords: Digital technologies; Digital world; children's use of screens; parents' perception; representation.

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

- Quadro 1. Algum desses aparelhos pertence ao seu filho e ele usa exclusivamente? Se sim, quais? 38
- Quadro 2. Você acredita que seu filho ficaria ultrapassado ou desatualizado caso não tivesse acesso aos aparelhos tecnológicos? Por quê? 42
- Quadro 3. Você percebe algum risco ou perigo para seu filho em decorrência do uso intenso de equipamentos eletrônicos como smartphones, tablets, computadores, TV e jogos eletrônicos? Quais? 44
- Quadro 4. Principais Problemas Médicos e Alertas de Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital da Sociedade Brasileira de Pediatria 46
- Quadro 5. Em algum momento pediu para que seu filho desligasse a televisão (ou outro aparelho) notou um comportamento diferente? Se sim, como ele ficou? 46
- Quadro 6. Caso disponibilize o uso de smartphones, tablets, TV, computador ou jogos eletrônicos para seu filho seu objetivo maior é: 48
- Quadro 7. Você acha que durante a pandemia o consumo de telas pelos seus filhos aumentou? Como está sendo esse momento? 49
- Quadro 8. Você percebe que ao ver TV ou ter acesso a aparelhos seu filho tende a ser mais consumista? Fique à vontade para expor alguma situação que vivenciou..... 50
- Quadro 9. Já teve acesso a alguma informação relacionada ao uso excessivo de tecnologia digitais por crianças?..... 52
- Quadro 10. Você considera que tem uma relação próxima dos seus filhos? Por quê? 53
- Gráfico 1. Com qual frequência seus filhos têm acesso às telas?.....39
- Gráfico 2. Com qual frequência você acompanha o que seu filho vê ao navegar?40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLA

CGI.br	Comitê Gestor da Internet no Brasil
COVID 19	Corona Virus Disease (Doença do Coronavírus) 2019
DF	Distrito Federal
EF	Ensino Fundamental
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
CRM-PR	Conselho Regional de Medicina do Estado do Paraná
FE	Faculdade de Educação
TDAH	Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
TFC	Trabalho Final de Curso
UnB	Universidade de Brasília
PAS	Programa de Avaliação Seriada
SBP	Sociedade Brasileira de Pediatria

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
Justificativas	19
Objetivo geral.....	20
Objetivos específicos	20
Metodologia	21
CAPÍTULO 1 - Pesquisa bibliográfica sobre o objeto de estudo, um referencial teórico	24
1.1 As tecnologias digitais e seus facilitadores na sociedade.....	24
1.2 A família na sociedade tecnológica	29
1.3 A opinião de especialistas sobre o risco do uso dessas tecnologias digitais indiscriminadamente por crianças	32
CAPÍTULO 2 - Achados e análises dos dados da pesquisa	37
2.1 Questões de caráter socioeconômicos	37
2.2 O Consumo de tecnologia na residência	38
2.3 Questões sobre a percepção dos pais sobre esse consumo de tecnologia pelas crianças.....	42
CAPÍTULO 3 - Reflexões gerais e o alcance da pesquisa	55
Considerações Finais	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
APÊNDICES	64

MEMORIAL

Esta parte do meu trabalho representa fases fundamentais da minha trajetória educacional e pessoal, que fizeram parte de mim e foram de extrema importância para meu desenvolvimento e principalmente para o momento de conclusão do curso de graduação, na Faculdade de Educação. Irei dividir o memorial em quatro fases: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e finalmente, a graduação.

Chamo-me Maria Esther, nasci no dia 02 de maio de 1998, em Sobradinho-DF. Tenho dois irmãos com idades bem diferentes: minha irmã tem 28 anos, que já me deu uma sobrinha linda e meu irmão tem 9 anos, que cuidei desde que nasceu. Meus pais são casados e moram até hoje no mesmo lugar, em Sobradinho II, desde que nasci. Hoje já estou casada, grávida da pequena Heloísa e esposa do Leonardo.

Iniciei a minha trajetória escolar indo para creche, acredito que por volta de uns três anos de idade. Esse período não durou muito, pois tive bastante dificuldade em me adaptar e ficar distante dos meus pais, além de um acontecimento que acho muito engraçado – mas não tanto para a professora. Eu contei para a minha mãe que a professora tinha comido meu lanche, mas de tanto minha família comentar sobre esse assunto ao longo dos anos, não sei se foi algo que inventei ou se realmente isso aconteceu. Depois disso tudo, acabei saindo da creche.

Assim quando voltei à escola, aos cinco anos, continuei com muita dificuldade de adaptação e essa fase me marcou bastante, era como se a minha mãe tivesse me abandonando. Mas, por mais que eu chorasse no início do período, eu ficava um tempo na escola e passava e ficava tudo bem, porém isso voltava a acontecer frequentemente. Apesar de ser uma criança bem chorona, conseguia ter pessoas especiais comigo. Lembro-me de uma amiga bem-querida durante aquela fase e éramos parceiras durante o recreio e as atividades.

Em relação à aprendizagem, as primeiras séries foram fundamentais para meu desenvolvimento como estudante e apesar de ter um problema de adaptação, adorava os professores e eles também tinham um carinho por mim. Na primeira série, eu estudava em uma escola bem próxima da minha casa, em Sobradinho II. Nessa fase, acredito que por ser próximo de casa, adorava que minha mãe me levava até a porta e sabia que ela estava próxima de mim. Essa fase foi de certa forma, engraçada, eu ia ao reforço realmente para reforçar os conhecimentos que já tinha e não por alguma dificuldade específica, até porque era considerada uma boa aluna.

Após essa escola, fui para a Escola Classe 05, em Sobradinho. A distância dos meus pais aumentou novamente e voltei a ter alguns problemas com isso. Outra situação que considero engraçada, olhando como estudante de pedagogia, a professora aconselhou minha mãe a me mudar de escola, porque em comparação com outras, aquela possuía uma qualidade inferior. Mas pensando agora, de que forma ela deve ter chegado a essa conclusão? A estrutura era comum, os professores pareciam bons (inclusive ela) e não parecia faltar material. Mas enfim, esse questionamento ficará sempre presente.

Além de todo o conhecimento adquirido na escola, as experiências com os estudantes e o contato com diversas atividades me trouxe uma carga importante para meu desenvolvimento. Além disso, devo muito aos meus pais também. O meu pai adora comentar de como ele me ensinou a ler e a escrever, desde bem nova. Acredito que se não fosse por eles, pelo auxílio nas atividades e dúvidas que eu tinha, meu desempenho não teria sido tão bom quanto foi. O papel da escola é fundamental e quando se tem o apoio familiar, faz total diferença.

Prosseguindo sobre meu percurso na escola, continuo explorando agora o ensino fundamental. Essa fase me causou muita ansiedade porque teria várias matérias para serem estudadas ao mesmo tempo e, vários professores. Apesar de ser uma aluna nota dez nos anos anteriores, principalmente pelo meu pai, comecei a ter umas dificuldades mais preocupantes com a matemática.

Continuei em Sobradinho, mas frequentei o Centro de Ensino Fundamental 05 e o Centro de Ensino Fundamental 03. Fiquei alternando em escolas, porque

tinha um irmão pequeno e precisava mudar de turnos da escola para ficar com ele, enquanto minha mãe trabalhava e minha irmã estava na aula, inclusive ela estudava também na Universidade de Brasília. Por esse motivo, acabei conhecendo muitas pessoas e tendo colegas em escolas diferentes. Essas mudanças não interferiram no meu ensino, tive certeza de que foi muito proveitoso, infelizmente não tanto em matemática – tinha bastante dificuldade desde sempre, como expus acima.

Ao comentar sobre os colegas que já encontrei durante todas essas escolas em que frequentei, eu acabei lembrando de um fato marcante para mim. Durante a oitava série, perdemos um desses colegas de classe, aconteceu um acidente enquanto ele andava de bicicleta e infelizmente ele veio a falecer. Esse momento causou uma grande comoção entre toda a classe e os professores, durante as aulas estávamos tristes e comentávamos bastante sobre o colega, fizemos uma oração e refletimos sobre o que aconteceu. Nessa fase de ensino fundamental, houve um distanciamento entre mim e minha família, certamente por conta da adolescência, acredito que esse ocorrido me deu uma oportunidade de estar mais presente na família, valorizando-a cada vez mais.

Chegando na fase do ensino médio, esse foi o único período em que comecei e terminei na mesma escola, apenas fiz turnos diferentes. Estudava no Centro de Ensino Médio 01, em Sobradinho. No primeiro ano, estudava no período da tarde, mas antes do segundo bimestre já estava estudando no período matutino. Tenho um enorme carinho por essa fase e por todos os amigos que conheci, principalmente porque ainda mantenho contato com todos.

Ao mudar de turno, acabei sendo uma estranha na sala e não tinha com quem conversar, mas aos poucos as conversas iam surgindo e acabei conseguindo conversar com a sala inteira – o que não acho normal para alguém que seja tão introvertida como eu. Ir para o ensino médio causa um pouco de ansiedade também, por conta das matérias com nomes mais específicos: química, física e os novos professores que teremos.

Os meus amigos de sala foram os mesmos desde o primeiro ano da escola, seus nomes são: Maria Clara, Bárbara, Igor e Jefferson. Eu tenho muito

orgulho da nossa amizade e de como nos apoiamos por todos esses anos. Havia outros colegas, claro, mas esses são os mais especiais desse período. Eu gostava de ficar no fundo da sala, adorava conversar e dar risadas. Mas era uma boa aluna, apesar disso. Era muito esforçada, principalmente por ter fases do PAS, que é o Programa de Avaliação Seriada, um processo seletivo para entrar na Universidade de Brasília.

Tenho muito carinho por um professor específico, o Moacyr. Ele era professor de física e ia para a escola no turno contrário, para reforçar alguns conceitos de matemática, física e química e nos ajudava em questões do PAS e do ENEM. Tenho uma grande admiração por ele ter doado seu tempo, seus conhecimentos para nos ajudar em um momento que causa tanta ansiedade e as vezes, até desespero. Obviamente ele não deveria ganhar hora extra, muito menos reconhecimento pelo que fazia, mas fazia mesmo assim.

Ao longo desse período, eu tinha muita preocupação em que curso deveria me inscrever e se passaria ou não no processo seletivo da Universidade de Brasília. Meus pais sempre veneraram a UnB e quase que exigiam que eu estudasse na instituição e minha irmã, já tinha finalizado seu curso de Letras – Francês, ou seja, me sentia um pouco pressionada com toda essa situação. Além do fato de ser uma universidade pública, que não geraria custo para meus pais, em relação a mensalidade. Essa seria a melhor opção.

O meu terceiro ano foi bem cansativo emocionalmente, por ter medo de não conseguir ter uma boa nota nas provas para o processo seletivo e por não ter uma decisão tomada sobre o que cursar. Apesar de tudo, sobrevivi! Comicamente, escolhi Agronomia como opção e passei, porém desisti no primeiro semestre. O que eu estava pensando que seria? Eu já não era boa em exatas e ainda escolho um curso como esse. Meus pais ficaram um pouco chocados e preocupados por querer sair, mas compreenderam em parte.

No vestibular do meio do ano de 2016, selecionei Pedagogia e até hoje não sei o motivo ao certo, mas não me arrependi dessa vez. Sempre me encantei com o desenvolvimento das crianças, por conviver com bebês desde jovem eu tenho um certo encantamento por eles. A faculdade me trouxe uma visão diferenciada e

mais humanizada da vida, me fez refletir sobre situações que nunca pensei, trazendo novos significados para diversas situações.

Uma dessas situações gira em torno da minha pesquisa do trabalho de conclusão de curso, realizado aqui. Pude observar e ter mais sensibilidade pelo desenvolvimento das crianças durante todo o aprendizado adquirido nas aulas da universidade. Sendo assim, por ter um irmão de nove anos e acompanhá-lo no seu crescimento, algumas questões me preocuparam e uma delas, o uso exacerbado de tecnologias digitais e o deixar de ser criança, por consequência.

Além de todos esses momentos vividos, não posso deixar de destacar o projeto de Residência Pedagógica, vivenciado entre os anos de 2018 e 2019. A proposta desse programa é que os estudantes de pedagogia tenham uma experiência com a escola pública para que exista um pré-preparo para a vivência escolar, após a formação. Esse período foi um verdadeiro desafio para mim pois me deu a oportunidade de vivenciar a escola em todos os aspectos, desde o trabalho da coordenação, da direção até a regência na sala de aula. Ter vivenciado todos esses espaços, inclusive os do dia a dia da escola foram essenciais para observar a realidade da escola pública e obter um conhecimento de como é o funcionamento interno da escola.

INTRODUÇÃO

Os jovens e, sobretudo as crianças representam um alvo substancial para tecnologias digitais. Para eles toda uma indústria de entretenimento se dirige de modo sedutor há bastante tempo. As crianças por estarem em formação são vítimas fáceis de serem "aprisionadas" em games, animações, propagandas de brinquedos e até de alimentos. Como bem menciona Bryant (2009, p. 28) ao se referir à indústria da mídia voltada para o público infantil "[...] as alternativas pelas quais crianças e adolescentes podem passar seu tempo de lazer se expandiram exponencialmente".

A partir da década de 1920 esse processo sedutor das mídias foi adentrando a vida de jovens e crianças. Os dois primeiros movimentos foram os filmes do cinema e o rádio; o primeiro trouxe um novo ritual social e o segundo, era um novo ponto de encontro familiar. Logo após a TV começou a conquistar as famílias com programas infantis e familiares. Houve então, uma preparação de publicitários, para alcançar o público infantil, juntamente com as novidades televisivas. Acontece então um movimento circular, que perdura até hoje: as empresas televisivas geram conteúdos infantis, fabricam produtos a partir desses conteúdos (desenhos, animações, personagens) e por fim, os anunciam durante os intervalos dos programas. Sendo assim, desde lá existe um relacionamento fortalecido entre as companhias de mídias, os fabricantes de brinquedos e os criadores de conteúdo (BRYANT, 2009) que vão gerando muito lucro nesse meio.

Imagina-se então o quão os adultos, jovens e crianças vão sendo influenciados por esse meio e essa estrutura midiática, temos além da televisão, a *internet* que proporciona uma quantidade maior de conteúdos envolventes e atraentes. Por esse motivo, deve-se encarar os dispositivos tecnológicos como uma nova realidade, onde é necessário considerar a ponderação e o uso de forma correta e consciente, pois eles já são componentes significativos dos ambientes em que os indivíduos crescem, se desenvolvem e se relacionam. (RICH, 2013).

A seguir são apresentados os componentes estruturantes desse trabalho de pesquisa: justificativa, o problema de pesquisa, os objetivos e a metodologia utilizada.

Justificativas

Os impulsos que motivam uma pesquisa são de diversas ordens e a que motivou esta é de ordem pessoal. Meu irmão tem nove anos e desde muito novo ele assiste desenhos e filmes na televisão. Mas isso foi aumentando gradativamente – da TV para o *tablet*, do *tablet* para o *smartphone* e passou a virar um ciclo vicioso. Podíamos perceber que ele passou a ficar dependente das telas e deixou de gostar de brincar ao ar livre, com brinquedos etc. Diante dos entretenimentos comuns à uma criança sem acesso a tecnologias, passou facilmente a ficar entediado e não tinha paciência para leituras e atividades da escola. Enfim, isso me motivou a fazer essa pesquisa sobre como uma interação ou um simples desenho passa a virar dependência e se os pais percebem que tem algo que não é considerado aceitável.

Difundir as consequências dos problemas que o uso exacerbado de tecnologia traz para as crianças é de extrema importância para os dias atuais – existem tantos casos de crianças diagnosticadas com Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) que possivelmente poderiam ser evitados simplesmente pela diminuição de telas. Por serem nativos digitais e não existirem tantos estudos e o assunto não ser tão difundido, os pais parecem estar despreocupados com essa situação.

Podemos ainda perceber andando nas ruas, indo a restaurantes ou até mesmo no dia a dia de casa que o uso excessivo de telas já parece ser “normalizado”. Vemos crianças portando seus próprios aparelhos, escolhendo o que desejam assistir ou jogar no grande mundo da internet – que traz outro problema: exposição de violências, notícias inadequadas, histórias assustadoras e muito mais.

Por outro lado, os pais podem apenas estar acostumados ou acomodados com o que vivenciamos, afinal, o mundo é tecnológico e digital. Há a possibilidade de acreditarem de que não existe problemas em expor os filhos, ou podem acreditar que ficarão numa bolha social, onde não conhecem o mundo midiático, podem ver benefícios em ter o filho quieto e comportado. Por esses motivos, minha dedicação e preocupação para essa pesquisa pretende contribuir com algo

que parece muito simples: sensibilizar pais e responsáveis sobre o fato de que crianças voltem a ser crianças.

Diante do exposto e com a preocupação na clarificação das pretensões da investigação, a problemática na qual o tema da pesquisa está inserido, se centra, sobretudo nos “efeitos colaterais” causados pela superexposição a telas e a ausência de conhecimento por parte de pais/professores sobre o assunto. Assim, o problema de pesquisa pode ser evidenciado na seguinte questão: **Quais as possíveis consequências de crianças utilizarem as tecnologias digitais de forma excessiva?** Como questões acessórias e buscando a representação de pais e responsáveis, pode-se elencar ainda, o que leva pais e responsáveis a disponibilizarem uma superexposição de crianças a tecnologias digitais? Quais as recomendações de exposição à tecnologias digitais que os especialistas apontam para crianças? Dessa forma, com vistas a responder as indagações apontadas, os objetivos dessa pesquisa são elencados abaixo.

Objetivo geral

- Identificar causas e consequências do uso excessivo de tecnologias digitais por crianças por meio de representações que pais e responsáveis têm à respeito.

Objetivos específicos

- Compreender os motivos que justificam a superexposição disponibilizada por pais e/ou responsáveis às crianças a tecnologias digitais;
- Identificar possíveis riscos que as crianças são expostas ao utilizarem a internet/telas;
- Descrever quais são as recomendações de pesquisadores da área para uso desses aparelhos por crianças.

A priori, ao identificar a temática e o problema da pesquisa e as preocupações acerca do uso de tecnologia digitais por parte das crianças, observa-se que atualmente é quase impossível não ter um acesso facilitado as telas: seja televisão, computador, *smartphones*, *tablets* e sua navegação na

internet, o que produz ambientes convenientes para que, nas famílias, os filhos estejam imersos no mundo digital. Além disso, outro fato colabora para uma suposição: com essa facilitação e a necessidade que os pais têm em sair para o trabalho, acredita-se que quando voltam para o lar utilizam o recurso para relaxar e manter os filhos “quietos”. Por fim, existe possivelmente um mito de que a tecnologia digital favorece o desenvolvimento das crianças, principalmente pelo uso de jogos eletrônicos que convencem os pais de que estão fazendo algo benéfico para os filhos.

Metodologia

Em função do exíguo tempo do semestre do curso nos contextos de pandemia de Covid-19, o que já era pequeno ficou mais restrito ainda para se concluir uma pesquisa de Trabalho Final de Curso (TFC). Em todo caso, a metodologia realizada nesse trabalho se enquadra em um enfoque qualitativo e de alcance exploratório. Nesse sentido, compreende-se a pesquisa qualitativa como multifacetada de enfoques, que se organizam em torno de características comuns, como aquelas derivadas do fato de ocorrerem no ambiente real, do mundo "lá fora", no qual é essencial entender, descrever e explicar fenômenos sociais (FLICK, 2009). Como afirma Flick (2009, p. 8) referindo-se a abordagem qualitativa,

Essas abordagens têm em comum o fato de buscarem esmiuçar a forma como as pessoas constroem o mundo à sua volta, o que estão fazendo ou o que está lhes acontecendo em termos que tenham sentido e que ofereçam uma visão rica. As interações e os documentos são considerados como formas de constituir, de forma conjunta (ou conflituosa), processos e artefatos sociais.

Em função do que se pretende e pelas considerações de Flick (2009) acima, se reforça a percepção e entendimento dessa pesquisa como qualitativa. É ainda exploratória porque, não obstante o material acumulado, sobretudo pela psicologia sobre o assunto, o alcance dessa pesquisa busca o entendimento sobre a temática, dos pais e/ou responsáveis que vivenciam essa realidade a partir de suas percepções “não especializadas” sobre o que testemunham acerca do comportamento de suas crianças. No entendimento de Reis (2008), a pesquisa exploratória é o passo inicial de qualquer pesquisa e de forma direta ou indireta é

inerente à pesquisa acadêmica por aproximar o pesquisador do objeto de estudo, por promover uma visão ampla acerca de um fato ou problema e ainda permite examinar conceitos preliminares sobre determinada temática permitindo uma primeira aproximação do pesquisador com assuntos que posteriormente poderão ser ampliados. O que, dado o escopo desse trabalho e o tempo que se teve para realiza-lo, permite o enquadramento.

A pesquisa, em busca do alcance dos seus objetivos, inicialmente foi bibliográfica que no entendimento de Reis (2008, p. 53),

[...] é a mais simples técnica de pesquisa. Ela explica um problema, fundamentando-se apenas nas contribuições secundárias, ou seja, nas informações e dados extraídos de livros de leitura corrente e de referências, de revistas impressas e virtuais, material audiovisual, entrevistas, documentos, etc. de diferentes autores que versam sobre o tema selecionado para o estudo.

Após esse levantamento, como poderá ser visto no capítulo 1, se procedeu à elaboração do principal instrumento de geração de dados que foi o questionário *online*. Essa opção deveu-se, sobretudo ao contexto de isolamento social que vivenciamos em função da emergência de saúde pública que todos atravessamos devido à pandemia de Covid-19. Portanto, a pesquisa bibliográfica forneceu os subsídios para elaboração do questionário (ver apêndice 1) que foi submetido a uma amostra de pais que possuem crianças em idade escolar e que estão submetidas ao mundo das tecnologias digitais por meio equipamentos diversos, aos que se dispuseram a participar, foi enviado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ver apêndice 2), garantido o anonimato da fonte. Após o retorno do TCLE, foi enviado um link do *Google Forms* para a realização da pesquisa.

Sobre esse instrumento de geração de dados que denomina-se questionário, segundo Martins-Júnior (2015) é um dos instrumentos mais frequentemente utilizado na pesquisa qualitativa exploratória. Ainda Martins-Junior (2015, p. 234-235) nos informa que,

Questionário - É um instrumento utilizado para se obter dados de um determinado grupo social por intermédio de questões a ele formuladas. Serve para determinar as características desse grupo em função de algumas variáveis predeterminadas, individuais ou grupais.

Em continuidade o autor acima referido apresenta uma classificação dos questionários quanto ao tipo de questão que apresentam, a saber: aqueles com questões fechadas, abertas e os mistos. A opção nessa pesquisa foi a utilização de questionário misto, que nas considerações de Martins-Júnior (2015, p. 236), “são aqueles em que são colocadas algumas alternativas fixas, já preestabelecidas pelo pesquisador, e, no final, é deixado um espaço a fim de que o sujeito emita uma opinião particular, além das anteriores previstas”. Essa opção, em acordo com os objetivos da pesquisa, buscou também a subjetividade do entendimento dos pais sobre o tema envolvido.

Para a análise de dados, examinou-se os valores escolhidos no questionário preenchido pelos respondentes e construiu-se categorias de análises por questões, para melhor organização e visualização dos dados e posterior análises. No capítulo 2 são mostrados os resultados.

Por fim, esta monografia está assim organizada doravante: no capítulo 1, intitulado “Pesquisa bibliográfica sobre o objeto de estudo, um referencial teórico”, são apontados trabalhos, aqui incluso livros e artigos que versam sobre o assunto, ou que de alguma forma se relacionam ao mesmo. No capítulo 2, intitulado “Achados e análises dos dados da pesquisa”, são feitas as considerações sobre a devolutiva nos questionários e as suas análises e procurou-se relacionar os elementos teóricos identificados na pesquisa bibliográfica com os achados na pesquisa. No capítulo 3, intitulado “Reflexões gerais e o alcance da pesquisa”, procura-se relacionar os achados e análises realizadas no capítulo anterior com as questões de pesquisa e seus objetivos. Por fim, nas Considerações Finais se faz um apontamento geral sobre os cuidados necessários na utilização de tecnologias digitais por crianças.

CAPÍTULO 1

Pesquisa bibliográfica sobre o objeto de estudo, um referencial teórico

1.1 As tecnologias digitais e seus facilitadores na sociedade

Hoje em dia estamos imersos no mundo da tecnologia, especificamente na tecnologia digital. Poucas são as pessoas que estão desconectadas atualmente. Ao sair para o *shopping*, vemos na praça de alimentação pessoas que não conversam entre si, mas navegam em seus *smartphones*. Nas famílias, os filhos, por exemplo, possuem cada um seu aparelho e não observam o que acontece ao seu redor. Ao sair de casa sem o celular, o sentimento é de quase desespero. Ao pensar nisso, esse trecho da clássica trilogia Senhor dos Anéis, nos diz muito sobre como visualizo a sociedade:

Mas senti-me muito estranho. E, ainda assim, de certo modo seria um alívio não me preocupar mais com ele. Ele tem dominado minha mente nos últimos tempos. Às vezes senti que era como um olho me fitando. E sempre quero pô-lo e desaparecer, você sabe; ou me pergunto se ele está a salvo, e o tiro do bolso para me certificar. Tentei trancá-lo, mas descobri que não conseguia descansar sem o ter no bolso. Não sei por quê. E parece que não sou capaz de me decidir (TOLKIEN, 2019, p. 74)

Contextualizando a história acima, esse livro conta a trajetória de um Hobbit – um dos personagens criado por Tolkien, que era seduzido pelo Anel de Sauron, que dava poderes para quem o utilizava. Ele o encontrou em uma de suas aventuras e em alguns momentos foi de fundamental importância para a sua sobrevivência. Quando falava do anel no trecho acima, ele estava guardando há muitos anos e apesar de não pertencer a ele, sentia que fosse seu.

Apoiando-se nessa situação, é impossível não sentir uma certa familiaridade ao ler o sentimento do pequeno Hobbit com a sensação de alívio ao ter o celular no bolso ou para algumas pessoas, sentir que ele chega a te dominar também. A internet está tão presente em nossa vida que é praticamente impossível imaginar vivermos sem a presença dela. A ideia de estar conectado tão facilmente não era possível há um tempo, mas a tecnologia acontece desde a idade da pedra – pois os aparatos que foram criados naquele período eram tecnologias, a partir do domínio de elementos da natureza: água, fogo, pedaços de pau eram utilizados

como forma de sobrevivência naquele ambiente, trazendo facilidades e comodidade a cada inovação.

Segundo Kenski (2003, p.18) “as tecnologias invadem nossa vida, ampliam a nossa memória, garantem novas possibilidades de bem-estar e fragilizam as capacidades naturais do ser humano”. Por gerar um conforto, estamos a cada dia mais acomodados, pelo fato de ter água encanada, luz elétrica, fogão e entre várias outras tecnologias que estão sempre nos favorecendo. E é claro que isso é ótimo, nada melhor do que viver num mundo cada vez mais desenvolvido para nos ajudar a realizar nossas atividades diárias.

Assim como o celular foi uma revolução tecnológica desde quando foi criado e a cada atualização e criação de novos aparatos, o trem também já foi uma dessas grandes novidades. A partir da Revolução Industrial em meados do século XVIII houve um marco pela criação de novos aparatos e máquinas que eram mais rápidas e baratas, tendo a necessidade de maior mobilidade de pessoas, principalmente para os novos locais de trabalho que foram surgindo.

Em vista disso, Freire (2014) conta um pouco sobre como o trem causava fascínio na população e relata a história de um homem, do livro de Fernando Sabino. Viramundo, o personagem do livro, por ter uma admiração pelo tamanho do meio de transporte, quando criança fez a maior loucura de sua infância, que foi parar um trem:

No alto do barranco os meninos naquela sarabanda de emoção espia-vam, pálidos, boquiabertos, desfigurados — os poucos que tiveram coragem de olhar. Geraldo Viramundo abriu devagarinho os olhos e viu de perto, a menos de dez metros, aquela máquina preta e enorme, avassaladora, a muralha de ferro do limpa-trilhos, o vidro do farol brilhando como o olho de Deus, aquele arfar incessante do monstro derrotado. Sentiu subir dentro de si uma onda de entusiasmo, agitou loucamente os braços, pulando sobre o dormente:

— Ele parou! Ele parou, pessoal! Ele parou. (apud SABINO, 1983, p.20)

Podemos constatar a partir da leitura do episódio acima de *O grande mentecapto*, como a tecnologia deixa o homem extasiado com todas as inovações, seja um trem enorme, com barulhos e fumaça – ou um pequeno aparelho que te possibilita conectar com informações de vários lugares. Ela nos deixa impactados porque traz o que não estamos acostumados e ficamos cativados por isso.

Freire (2014) descreve o início da Sociedade da Informação, que aconteceu a partir da segunda metade do século XX. Na década de 1970, nas sociedades mais desenvolvidas acontece a ampliação do acesso à informação; na década de 1980, a internet começa a se popularizar; nos anos 1990, o microcomputador se difunde e por fim, a partir do século XXI ocorre a ampliação do computador sem fio, que pode ser encontrado em todos os lugares: a popularização dos celulares, acesso à internet sem fio e redes caseiras.

Em 2010, Steve Jobs criou o *Ipad* que foi uma das inovações tecnológicas mais fantásticas e acessíveis. Nesse período surge a era dos nativos digitais, que nasce em meio as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TICs), os nascidos a partir de 2010 são chamados de geração alfa ou geração *glass*, por remeter as telas.

Em consequência das TICs surge o conceito de cibercultura, que significa “uma cultura em que a movimentação de sujeitos e de ideias se dá não de maneira física, mas através das infovias.” (FREIRE, 2014, p.47). Isso representa a criação de um mundo novo, uma nova territorialidade que vai se implantando na vida cotidiana e as pessoas podem assumir novas identidades e ter novas realidades, Kenski (2003) relata que nessa cultura “simulações de todos os tipos garantem vivências, transformações no comportamento e aquisição de novas competências, sem a necessidade de estágios concretos para a aprendizagem.”

Além de nos auxiliar em diversas atividades, a tecnologia digital oferece o que o ser humano deseja e estima desde sempre: se expressar, comunicar opiniões e registrar experiências e com ela conseguimos “representar e processar qualquer tipo de informação” (KENSKI, 2003, p. 34). Nesse âmbito de tecnologia digital podemos incluir a televisão digital, o computador, aparelhos portáteis (celular, *smartphone*, *tablet* e *notebook*) os jogos interativos e a internet.

Com a televisão temos uma forma de conexão unidirecional, porém, ainda assim a partir do que surge na tela somos motivados a ter uma reação. Por exemplo, ao ver uma cena de um filme de terror provavelmente sentiremos medo, ao ver uma cena de um filme romântico, ficaremos emocionados. Apesar do ator não saber o que acontece em cada sala de cinema ou de casa, todos irão reagir individualmente de alguma forma.

Com os outros aparelhos, geralmente possuímos interações e conexões com outras pessoas e informações – e é aqui que acontece a mágica da internet. Poder falar com uma pessoa que está distante, um familiar que você não encontra há muito tempo, além de conhecer pessoas novas, propor novas relações e certamente aprender inúmeros conceitos a partir da quantidade de informações disponíveis.

Silva (2013) relata a mudança do relacionamento com familiares e amigos após a possibilidade de encontros que a *internet* oferece, o encontro virtual torna-se muito mais frequente do que aconteceria se fosse programado pessoalmente. Há um aceleração em relação as relações comerciais, o *e-commerce* – compras realizadas de forma virtuais – já são uma realidade, os comerciantes e empresários já se dedicam em desenvolver mão de obra específica para esse consumidor online. E por fim, as relações políticas também já estão em outro patamar, por existir uma maior facilidade de divulgação e contato com a população.

Kenski (2003, p. 43) complementa descrevendo que “no espaço de fluxo das redes circulam basicamente informações que podem ser conectados como se apresentam, mixadas, recortadas, combinadas, ampliadas, fundidas, de acordo com os interesses e as necessidades de quem as acesse.” Nota-se que várias oportunidades de comunicação vão surgindo, além de obtermos uma maior facilidade em atividades diárias e conseqüentemente, o mundo digital torna-se atraente e convidativo.

Ao pensar em tecnologia é impossível não notar a importância que ela tem na educação, inclusive pensando em tempos de pandemia. No ano de 2020 o Brasil deparou-se com a COVID-19 e teve que remodelar os ensinamentos presenciais, pelo fato do isolamento e da suspensão das aulas para o não agravamento da saúde pública. A partir disso houve adaptações e possibilidades de continuação de estudos graças as estruturas que já eram fornecidas no ensino a distância. As plataformas já existentes como *Microsoft Teams*, *Google Sala de aula*, *Moodle* e entre outras foram facilitadoras entre a conexão escola–aluno.

Além do ensino facilitador que aconteceu durante esse período, diversas escolas já utilizavam há tempos recursos tecnológicos para ampliar o ensino pedagógico. Desde microfones até televisões e internet, os professores já se benefi-

ciavam desses aparatos para complementar a aula. De acordo com Kenski (2003, p.47):

A maioria das tecnologias é utilizada como auxiliar no processo educativo. Não são nem o objeto, nem a sua substância, nem a sua finalidade. Elas estão presentes em todos os momentos do processo pedagógico, desde o planejamento das disciplinas, a elaboração da proposta curricular até a certificação dos alunos que concluíram um curso.

Notamos com o trecho acima, a importância que existe na relação entre tecnologia e educação e com o acesso a plataformas de educação, os professores podem compartilhar recursos, se ajudarem mutuamente e claro, os alunos podem aproveitar o máximo de conhecimentos disponíveis a um clique. O mais importante é que o professor, a escola e os pais consigam usar a tecnologia escolhida de forma correta e com um porquê bem definido.

Além de plataformas exclusivas para a educação, como o *Google Classroom*, *Teams* e *Moodle*, não podemos deixar de lado as redes sociais – tão importantes quanto a conexão e informação, seja para pesquisa de informações ou para conversar com um professor via *Whatsapp*, que é basicamente o envio de mensagens instantâneas ou por grupos com a turma, utilizando o *Facebook*. As redes sociais são instrumentos imprescindíveis para quem está conectado, é quase impossível não se render – seja de forma educacional, ou individual, usando como atividades de lazer para se conectar com amigos e familiares.

Em uma pesquisa realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) em 2019, existem 134 milhões de usuários de internet, ou seja, de 3 a cada 4 brasileiros estão conectados e 93% possuem celular. Um dado que chama atenção é que os percentuais das classes de “A” a “D” e “E”, giram em torno de 85% a 100% com um dos dois aparelhos: televisão ou celular, ou seja, podemos perceber como a aquisição e utilização desses aparelhos é difusa pelo Brasil inteiro, o que não era possível há um tempo. Já o acesso a *internet*, está em 71% dos lares brasileiros.

Em outra pesquisa, realizada pela TIC Online Kids Brasil, do mesmo órgão acima, constatou-se que da população de 9 a 17 anos 89% já é usuária de internet. E 76% desses usuários utilizam a internet mais de uma vez por dia. Além

disso, as crianças e adolescentes podem realizar todas essas ações quando estão sozinhos, sem nenhuma monitoração: 77% recebem permissão de enviar mensagens instantâneas, 80% baixam filmes ou músicas na internet, 78% assistem mídias, 70% utilizam as redes sociais e 60% postam fotos ou vídeos em que aparecem.

Além disso, outros dados são importantes para observarmos como pode estar sendo a relação familiar a partir do uso da tecnologia. Nesse caso, a pesquisa se refere ao uso excessivo e como isso afetou a sua vida. 20% das crianças e adolescentes deixaram de comer ou dormir por causa da internet, 24% passaram menos tempo com a família ou amigos, pelo mesmo motivo. Baseando-se nesses dados, pensemos em como anda a relação familiar com a tecnologia hoje em dia. Será que pais e filhos conseguem manter o diálogo e a convivência sem utilizar os dispositivos tecnológicos?

1.2 A família na sociedade tecnológica

Pelos dados, conseguimos perceber como a internet afeta a convivência e possui dados preocupantes, principalmente em como essa porcentagem de indivíduos está dependente, de como ocupa o tempo de cada um e o mais preocupante, que mais da metade da porcentagem utiliza a internet sozinho, podendo estar sujeito à conteúdos não adequados.

Ao observar a história da sociedade, constatamos que tudo o que acontece externamente – fora do ambiente familiar, acaba interferindo no convívio e na forma de relacionamento interno do núcleo doméstico. Os pais vão educando os filhos a partir da cultura em que se vive, dos valores, regras, hábitos e habilidades sociais.

Carvalho (2018) relata que a família contemporânea se desvincula muito da família que era estabelecida na era medieval, por exemplo. Desse período até hoje houve uma diminuição no número de membros. Os casais hoje em dia desejam ter menos filhos e há uma participação da mulher na economia de casa, havendo uma independência financeira que ocorre ao deixar de ser dona de casa para trabalhar em outros locais.

Uma outra diferença desses tipos de famílias que já existiram na sociedade é a inclusão das TICs no dia a dia da família contemporânea e as demandas que existem ao surgir o mundo digital. Por experiência própria e observando a minha família, sei que há um distanciamento das pessoas que convivem no mesmo local por conta das redes. Por estar conectado com outras pessoas via internet não nos damos conta de quem está ao nosso lado.

É um fato que as crianças estão imersas nesse mundo. A última geração já nasceu com um celular na mão assistindo e sendo estimulada por desenhos infantis. Em qualquer lugar que se vá, existe algo para que a criança se sinta distraída, seja em casa, no carro ou na escola. Alguns pais quando questionados, “a maioria diz acreditar que seus filhos precisam usar cedo as mídias de tela para se prepararem para competir no mundo digital” (ABREU, p. 33) Na minha infância, as crianças brincavam muito mais entre si, na rua e com os familiares; quando comparo uma festa familiar de anos atrás com as de hoje, observo que há menos interação, menos brincadeira e mais foco em celulares ou jogos virtuais e claramente: há menos crianças.

Impossível não notar como a brincadeira está sendo abandonada, apesar de ser algo praticamente intrínseco do ser humano. Catherine L'ecuyer apresenta a beleza da brincadeira:

“A brincadeira tem o significado de apreciar a realização de uma tarefa porque a pessoa a realiza com o coração, coloca nela imaginação, criatividade, a interioriza, a faz sua. Como aquela criança que passa horas em silêncio, concentrada, fazendo bolos com areia fina, água e pedrinhas na beira do mar.” (L'ECUEYER, 2016, p.72)

A criança naturalmente deseja ser proativa e anseia conhecer o que achamos insignificante e além disso, anulamos esse desejo oferecendo estímulos externos, como as telas, para que se tornem apáticas e desinteressadas pelo mundo. Qual criança que conhecemos ao nosso redor com uma televisão disponível em qualquer hora do dia prefere desligá-la e ir explorar a casa, o quintal ou um parque? Dificilmente podemos encontrá-la, mas caso encontremos, sabemos que se oferecermos objetos simples certamente farão casinhas, comidas de mentira e terão muitas invenções e brincadeiras colocando a imaginação a todo vapor. L'ecuyer elucida como a brincadeira também auxilia na aprendizagem. Ao desejar

conhecer mais, a criança se utiliza da brincadeira para aprender a descobrir o mundo.

Provavelmente a falta da brincadeira atualmente acontece por conta da quantidade de exposição a telas. São *videogames*, celulares, plataformas de *streaming* – que é uma tecnologia de transmissão rápida de filmes, séries e desenhos que utiliza a internet para que possamos ter acesso. Além disso, algumas mudanças na sociedade impactam a nossa forma de viver, estamos ficando mais isolados, seja pela violência, insegurança ou planejamento urbano. Esses motivos nos deixam menos seguros, além de existir uma precarização nos espaços públicos ao ar livre e um certo distanciamento das áreas naturais, o que deixa crianças e adolescentes mais tempo em locais fechados. Todos estamos imersos em todas essas novidades e todo dia aparece alguma plataforma nova ou conteúdo novo para usufruir, o que causa uma vontade de estar atualizado. Mas será que existe um jeito certo de utilizar a tecnologia? E as crianças, será que podem estar livres para acessar todas essas novidades? Vamos discorrer sobre esse assunto a partir de agora.

Há um tempo, quando eu era criança, lembro-me que ia aos supermercados de Brasília com meus pais para fazer as compras de casa e eles eram – e são até hoje – equipados com vários *notebooks* para a venda, computadores e outros aparelhos digitais. Mas era uma super novidade ver tudo aquilo para mim e sonhava em ter um *notebook*, porque não era algo tão acessível quanto é hoje. Achava uma super tecnologia, era pequeno, portátil e tinha jogos mais divertidos do que os que eu já conhecia. Ficava lá mexendo, descobrindo o que tinha de novo e desejando ter um daqueles. Mas por que estou contando isso? Porque a tecnologia avança muito rápido, aquilo que brilhava meus olhos quando era criança, não fez tanta diferença assim que fui crescendo.

De acordo com Abreu (data, p.33) os pais se preocupam em deixar os filhos terem acesso à tecnologia para que sejam preparados o quanto antes para o mundo digital e para que se familiarizem rápido, não ficando desatualizados. Mas como informei acima, a tecnologia muda muito rápido e o que é uma mega novidade hoje, daqui a uns anos não será mais. Por exemplo, antigamente ficávamos maravilhados com um celular que apenas fazia ligações, era um aparelho leve e

portátil que ligava para qualquer pessoa de onde você estivesse. Hoje em dia, com tantas mudanças, temos os *smartphones* que te dá mais possibilidades de conexões do que apenas ligações.

E todas essas mudanças ocorrem pelo fato da obsolescência da tecnologia. O desenvolvimento acontece de forma tão rápida que o que ontem era novo, hoje já não é mais. Além do fato de alguns aparelhos terem tempo de validade, são feitos para não durarem o suficiente para que você seja praticamente submetido a uma nova compra (obsolescência programada). Há a possibilidade também de pessoas não se sentirem desatualizadas e desejam – pelo consumismo ou não – obter o último lançamento tecnológico.

É imprescindível deixar de notar a importância tecnológica para nossa sociedade, a partir do que já foi apontado acima, sabemos que há uma importância imensurável no processo individual e educacional. Mas será que apesar de ser tão boa, ainda assim existem prejuízos para as crianças e o seu desenvolvimento?

1.3 A opinião de especialistas sobre o risco do uso dessas tecnologias digitais indiscriminadamente por crianças

A Sociedade Brasileira de Pediatria produz vários documentos em relação as telas para pais, educadores e profissionais da saúde para conduzir e orientar o que pode ser feito e o que é recomendado, a partir de pesquisas e estudos para que a saúde das crianças não seja prejudicada. Iremos elencar alguns dos problemas que podem ocorrer a partir do uso abusivo de telas e quais são as recomendações que podemos seguir.

A primeira infância, é de extrema importância para o desenvolvimento da criança. Piaget (1999) é um estudioso sobre as fases do desenvolvimento infantil e trata sobre os estágios de desenvolvimento das crianças. O primeiro estágio, de zero a dois anos, traz a importância de que o conhecimento do mundo é baseado em habilidades motoras e nos sentidos, ou seja, a criança precisa manter o contato tanto visual, como físico, com o novo mundo ao seu redor.

Fernandes, Eisenstein e Da Silva (2018) mencionam também o conceito sensorio-motor e de como sua motricidade é relevante para o processo de desen-

volvimento, com a criança ficando em frente a tela, ela vê apenas a imagem, não desempenha os papéis fundamentais dessa fase e não se coloca em aprendizagem para o conhecimento do mundo, porque economiza ou evita os movimentos necessários. Partindo desse ponto, a visão e a audição não podem ser suficientes para a aquisição de habilidades necessárias, como alerta e atenção, motoras e cognitivas entre outras. É importante então que o olfato, o paladar e o tato estejam presentes na hora de conhecer o novo para que não aconteça um processo deficitário, dificultando o desenvolvimento integral.

A criança possui um instinto de curiosidade, de querer conhecer o mundo a partir do que observa que é uma estimulação precoce e natural. Porém, a partir da exposição as telas ela vai tendo esse desejo anulado. Ela acaba se acomodando e não se encanta com o comum. Fernandes, Eisenstein e Silva (2018, p. 8) descrevem um pouco sobre essa situação:

Passear de carro, viajar de ônibus ou mesmo ficar no carrinho de bebê, deixam de ser vivenciados quando se coloca qualquer imagem de telas à frente da criança: os deslocamentos, os barulhos, as conversas, os problemas, as chatices, as esperas, a tolerância, as relações dos comportamentos dos que estão em volta, as filas... nada disso é percebido pela criança. Ela não experimenta o que se passa nessas situações, pois está absorvida pela tela. O que entra em jogo nestas e noutras situações é uma adulteração das relações entre demanda/necessidade/prazer/satisfação.

Quando essas situações acontecem, a criança não tem a percepção de como o mundo é realmente e acredita que tudo acontece de acordo com o que está vendo nas imagens. Além disso, não consegue encarar com criatividade um momento de tédio ou espera, causando desequilíbrios nas relações com o outro, porque ela não sabe como reagir, nem consigo mesma. L'ecuyer (2016, p. 31) complementa dizendo que “a curiosidade é o desejo de conhecimento. [...] As crianças pequenas encantam-se porque não veem o mundo como algo habitual, e sim como um presente”.

A visão da criança é um ponto fundamental para seu desenvolvimento, porém, como já vimos acima, todos os outros sentidos precisam trabalhar juntos nessa fase. Os desenhos que as crianças assistem os distanciam da realidade. As imagens são passadas muito rapidamente e quanto mais assistem, mais estimulados ficam causando uma superestimulação. L'ecuyer (2016, p. 49) aborda

um estudo realizado em 2009 que analisou 59 DVDs infantis e “foi identificada uma média de 7,5 mudanças abruptas de cena por minuto, o que seria impossível observar na vida de uma criança sem o fator tela”.

Feitas as considerações acima, no âmbito dessa pesquisa procedeu-se busca na literatura sobre o tema, sobretudo dos últimos 5 anos. Para isso se utilizou como metodologia o mecanismo virtual de pesquisa chamado Google Acadêmico usando-se as expressões indutoras: "uso de smartphones por crianças" e "prejuízos e benefícios no uso de tecnologias por crianças". Entre os trabalhos identificados, alguns são informados a seguir.

Lima et al (2016) em pesquisa que associa revisão bibliográfica a entrevistas com especialistas no campo da psicologia e psicanálise como metodologia, cujo principal objetivo era pensar sobre os pontos negativos e positivos dos avanços tecnológicos nas novas formas de brincar, que resultam em novos modos de subjetivação infantil, chegaram à conclusão de que

a tecnologia e os jogos eletrônicos em si mesmos não são prejudiciais ao desenvolvimento integral das crianças. Entretanto, o grande problema está no uso exagerado que se faz deles, promovendo uma dependência tecnológica, em decorrência de uma sociedade que estimula tal uso, bem como pela falta de limites dados pelos familiares. (LIMA, et al, 2016, p. 1).

Entre os trabalhos que se dirigem diretamente à percepção de pais sobre a utilização de equipamentos como *smartphones* por seus filhos, tem-se Costa e Piva (2020) que analisam como pais de adolescentes percebem a utilização que seus filhos fazem de *smartphones*, benefícios e malefícios. Entre os achados, destacam-se as percepções de que o uso de tecnologias, seus benefícios e malefícios, "vai depender da orientação que os filhos recebem, dos limites que são impostos, e do acompanhamento que têm quanto ao uso que fazem do conteúdo que acessam, para sofrer maior influência de um ou de outro" (COSTA e PIVA, 2020, p. 1).

Ainda sobre trabalhos que se ligam à percepção de pais e uso de tecnologias, podemos citar Teixeira (2018), que analisou a percepção de pais de filhos em idade pré-escolar, variando entre 4 e 6 anos que utilizam tecnologias digitais como celulares/*smartphones*, *tablets*, computador e vídeo *game*. Entre os achados, a autora destaca que os *smartphones* são os equipamentos tecnológicos que

mais as crianças usam e que a maioria dos pais acredita que esse uso é benéfico para o desenvolvimento de habilidades relacionadas à cognição. Nesse mesmo entendimento, pesquisa semelhante realizada por Silva, Bortolozzi e Milani (2019) chegou às mesmas conclusões de Teixeira (2018).

Já Câmara et al (2020) em pesquisa que analisam também a percepção dos pais sobre os principais prejuízos biopsicossociais no uso abusivo da tecnologia na infância, entre as conclusões apontam que

No que se refere à percepção dos pais em relação ao uso de tecnologias na infância, os resultados apresentados apontaram que os pais têm conhecimento quanto aos riscos que o uso inadequado da tecnologia acarreta, porém não limitam e vigiam de forma inadequada o uso dos diversos aparelhos eletrônicos. A pesquisa ainda demonstrou que os pais fornecem de forma precoce e irregular esses aparelhos no cotidiano das crianças, causando prejuízos à saúde, afetando no convívio social dos mesmos e acarretando possíveis riscos futuros. (CÂMARA et al (2020, p. 376).

Quando relacionamos o uso de *games* em equipamentos eletrônicos com saúde, destacamos o trabalho de revisão de literatura de Brandão et al (2019), que busca entender por meio da literatura científica nacional e internacional publicada entre os anos de 2007 a 2017, implicações do uso de jogos eletrônicos na atenção à saúde. Entre as temáticas apontadas nos estudos e veiculadas nos artigos estão aquelas relacionadas com promoção, prevenção, tratamento e recuperação da saúde em situações de doenças crônicas e o estímulo de atividades físicas, evidenciando "a relevância que os profissionais de saúde, em especial os de enfermagem, têm em saber que os jogos eletrônicos podem auxiliar no cuidado de crianças com doenças agudas ou crônicas, que estejam ou não hospitalizadas" (BRANDÃO et al, 2019, p. 464).

Mais ligado à presente pesquisa, citamos o trabalho de Pedroso e Bonfim (2017), que por meio de pesquisa bibliográfica buscaram o entendimento dos problemas gerados pela falta de atenção de pais em relação aos filhos e o uso excessivo dos aparelhos tecnológicos e como isso está influenciando o comportamento dos alunos no ambiente escolar e também as consequências futuras para crianças cujos pais passam muito tempo no mundo virtual. Entre suas conclusões o trabalho aponta que a tecnologia por si só, não é prejudicial a ninguém, mas seu uso descontrolado e excessivo pode trazer prejuízos irreparáveis.

Como pode ser observado na breve revisão da literatura feita acima, duas tendências aparecem como conclusões: a de que os pais podem dosar a utilização de tecnologias por crianças de modo que estimule a cognição e também a de que o uso excessivo e descontrolado pode prejudicar o desenvolvimento infantil.

CAPÍTULO 2

Achados e análises dos dados da pesquisa

Esse capítulo é direcionado em explorar os dados obtidos a partir do questionário utilizado como gerador de dados, além de comentar e discutir as respostas dos entrevistados. A pesquisa divide-se em três fases. I – Questões de caráter socioeconômicos; II – O consumo de tecnologia nas residências; III – Questões subjetivas da percepção dos pais sobre esse consumo de tecnologia pelas crianças. Foram ao total 28 entrevistados, todos pais, mães ou responsáveis que colaboraram para auxiliar no entendimento dos aspectos dispostos nesse trabalho. É importante destacar que algumas das respostas são bastante similares, por esse motivo, elas foram dispostas em quadros, sem as repetições, para a compreensão dos tópicos analisados.

2.1 Questões de caráter socioeconômicos

As perguntas dessa fase foram direcionadas para maior entendimento sobre os nossos entrevistados, questões relacionadas ao gênero, faixa etária, localização e renda mensal familiar.

A maioria dos entrevistados, mais precisamente 85%, foram do gênero feminino e apenas 14,3% do gênero masculino. A idade variou bastante, sendo a maior parte de 30 a 49 anos. Dez deles possuem renda de mil até quatro mil reais mensais e 64,3% possuem uma renda maior que quatro mil reais mensais. As localizações, foram em sua maioria pessoas que residem em Sobradinho, em seguida, Brasília e por fim, de outros estados: Bahia, Pará e Espírito Santo. Dos vinte e oito entrevistados, onze têm apenas dois filhos, dez deles apenas um filho e sete estão com três ou mais filhos. Entendendo quem são os responsáveis que responderam nosso questionário, observa-se que independente da renda, gênero ou localização, todos estão conectados e a partir das respostas seguintes, notamos que existe uma necessidade, seja educativa ou por lazer, em permanecer conectado.

2.2 O Consumo de tecnologia na residência

Estas questões foram direcionadas para sabermos a média de idade dos filhos, se a residência familiar está conectada a internet e se os filhos possuem e usam exclusivamente algum aparelho tecnológico. A idade das crianças e dos responsáveis gira em torno de um ano até trinta e cinco anos, porém, cada um tinha pelo menos alguma criança em casa. Dos vinte e oito responsáveis, vinte e cinco possuem televisão digital na residência, vinte e seis possuem *notebook* e *smartphones* e dezoito possuem *tablet*, nesta questão os pais poderiam marcar um ou mais, sendo assim, todos os entrevistados possuem algum dispositivo na residência.

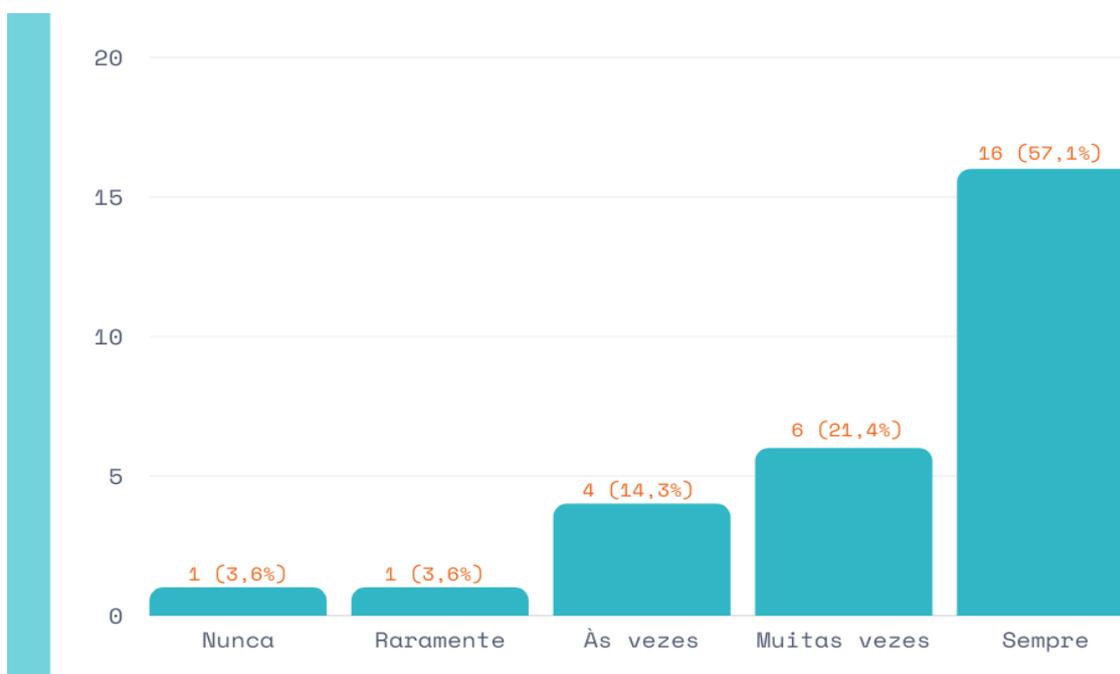
Em outra questão, pediu-se a informação se residência possui conexão com a *internet* e todos responderam que sim. Apesar de ser uma parcela pequena de entrevistados, observamos que as rendas variam bastante e mesmo assim todos já utilizam a algum dispositivo na residência e por consequência, estão conectados. Algumas respostas nesse sentido podem ser visualizadas no quadro 1. De acordo com a *Cisco Annual Internet Report Complete Forecast Update 2018-2023* – uma empresa que se dedica à Tecnologia da Informação – até 2023, 92% da população brasileira estará conectada.

Quadro 1. Algum desses aparelhos pertence ao seu filho e ele usa exclusivamente? Se sim, quais?

Responsável 1	<i>“Sim, um celular e um tablet”</i>
Responsável 2	<i>“Sim, Tablet e notebook”</i>
Responsável 3	<i>“Sim! Smartphone, notebook e tablet”</i>
Responsável 4	<i>“Não usa exclusivamente porque tem nosso acompanhamento no notebook e smartphone.”</i>

No gráfico 1 pode-se observar o percentual de respostas obtidas relacionadas ao uso de telas pelas crianças e jovens na amostra.

Gráfico 1. Com qual frequência seus filhos têm acesso às telas?



Fonte: Própria Autoria, 2021

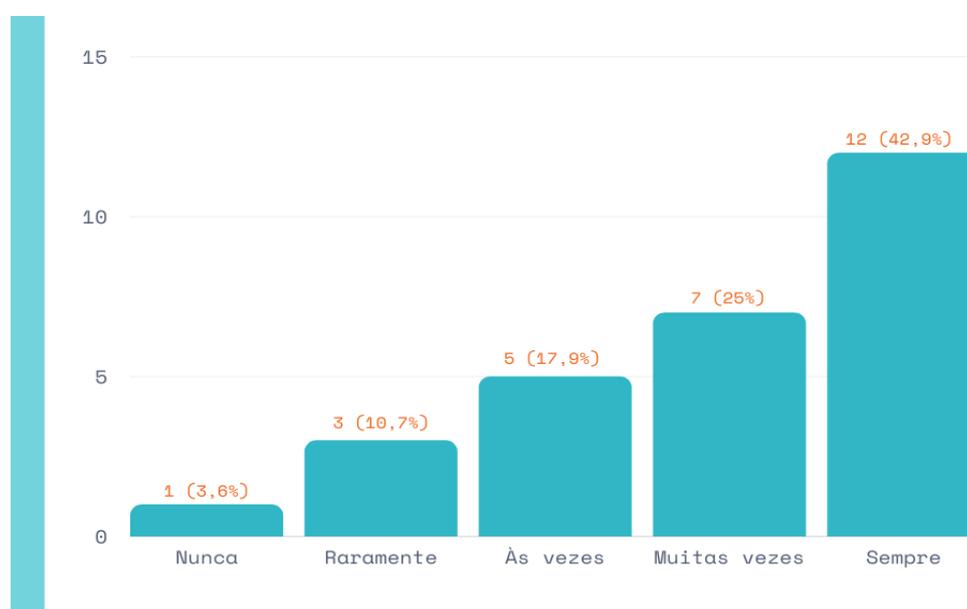
Nota-se a partir do quadro 1 e do gráfico 1 acima, que os filhos possuem mais de um aparelho à disposição e apenas um responsável informou que o uso não é exclusivo, porque tem o acompanhamento dos pais. No gráfico 1, nota-se ainda que dos vinte e oito entrevistados, dezesseis possibilitam o acesso frequente de telas para os filhos. Sabe-se que a internet está cada vez mais disponível para toda a população e de acordo com um relatório realizado em 2019 pela *We Are Social* e a *Hootsuite* – empresas de *marketing digital* – os usuários brasileiros passam um total de 9h 14min conectados por dia, além disso, ultrapassamos a média global de uso que é de 6 horas.

Estando imerso nesse mundo digital e com essa facilitação do acesso as telas apontadas pelo gráfico acima, pode ocorrer uma dependência tecnológica, por consequência deste uso frequente. Segundo Góes (2021, p. 62) “qualquer comportamento que cause a sensação de prazer pode se tornar potencialmente viciante” ou seja, caso seja percebido que as crianças sentem uma certa satisfação ao acompanhar algo nas telas, provavelmente isso provocará uma dependência – e obviamente, pode ocorrer inclusive com os adultos. Esse processo não ocorre de forma imediata, é necessário que aconteça um consumo por longos períodos, sendo um processo lento e progressivo. Por fim, para Abreu

(2013, p. 98) existe “uma relação entre dependência de internet e depressão, transtorno bipolar, transtornos de ansiedade e transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH).” Essas são algumas causas deste uso exacerbado, que nas análises abaixo dedicaremos com mais profundidade.

Dados obtidos acerca do acompanhamento que pais e/ou responsáveis fazem sobre a navegação de seus filhos na internet, podem ser vistos no gráfico 2.

Gráfico 2. Com qual frequência você acompanha o que seu filho vê ao navegar?



Fonte: Própria Autoria, 2021.

Infelizmente percebemos ao analisar esse gráfico que uma parte dos pais ainda não acompanha o que os filhos assistem ao navegar pela internet. E com isso, elas podem estar suscetíveis a perigos que estão mais acessíveis do que podemos imaginar. Um desses problemas é o *cyberbullying* – que é a violência praticada de forma virtual, podendo ser realizada por mensagens instantâneas, redes sociais, publicações em sites e entre outros.

Ademais, de acordo com um estudo realizado pela Cetic.br, que é vinculado ao CGI e monitora a adoção de tecnologias no Brasil – já citado no primeiro capítulo, 26% das crianças e adolescentes já foram tratados de forma ofensiva na internet, 16% tiveram contato com cenas de conteúdo sexual, 16%

com formas de machucar a si mesmo e 14% de como cometer suicídio. Indo além, outros problemas que podem estar na rede, segundo Luna (2013, p. 63): fotografias não censuradas, homofobia, intolerância religiosa, exaltação de genocídio ou massacre e violência em desenhos animados. E a *internet* possibilita que as comunicações e mensagens sejam disponibilizadas facilmente, sendo assim, um campo aberto, caso não exista monitoramento.

Embora a tecnologia evolua e possa se tornar muito significativa para alguns jovens, os pais, os membros da família estendida e seus pares continuarão sendo, antes de tudo, os agentes iniciais de socialização e educação, de modelos de comportamentos e de afeição, compreensão e orientação, independentemente de seu conhecimento tecnológico. (LUNA, 2013, p. 67)

Há a possibilidade de abusadores entrarem em contato com as crianças, para enganarem, seduzirem ou as induzirem a navegarem em conteúdos impróprios. Eles se utilizam de perfis falsos, por meio de *chats*, e-mails ou sites de relacionamento e fazem convites para encontros pessoais, solicitam o envio de informações pessoais, fotos, tendo como possíveis consequências: aliciamento, rapto de crianças e adolescentes para fins sexuais. (WERKEK et al., 2013).

As crianças não possuem a maturidade suficiente para decidir o que assistem, acompanham, leem ou compartilham ao navegar, por isso é imprescindível que exista a presença ou ao menos um direcionamento para que os filhos saibam o que irão acompanhar, além da necessidade de existência de um trabalho de conscientização a respeito do uso seguro da internet. Imagina-se que pela sua familiaridade, “a internet dispensa novas informações e debates sobre seus usos e seus riscos. Ter acesso à internet não significa saber exercer a cidadania online.” (WERNEK et al., 2013, p. 286)

Podemos considerar o uso de controle parental para a segurança, onde é possível colocar senhas ou códigos que impossibilitam que as crianças assistam filmes que não correspondem à sua idade, de acordo com a classificação indicativa. Existem outros recursos, que podem ser instalados nos aparelhos e são conectados com os *smartphones* dos pais simultaneamente, havendo a possibilidade de controle, autorizando ou não a instalação de aplicativos, além de monitorar o que o filho está acompanhando. “Pode-se definir cinco grandes

categorias: restrições de acesso, filtragem de conteúdo, gestão de contatos, monitorização do acesso e proteção da privacidade”. (MORAIS, 2013).

2.3 Questões sobre a percepção dos pais sobre esse consumo de tecnologia pelas crianças

Com relação à percepção dos pais sobre o consumo de tecnologias pelas crianças, o quadro 2 apresenta algumas respostas obtidas que representam uma tendência em toda a amostra.

Quadro 2. Você acredita que seu filho ficaria ultrapassado ou desatualizado caso não tivesse acesso aos aparelhos tecnológicos? Por quê?

Responsável 1	<i>“Acho que não, pois nem todas as pessoas têm esses tipos de aparelho e mesmo assim eles não são pessoas ultrapassadas ou desatualizadas”</i>
Responsável 2	<i>“Sim, porque a era de hoje é tecnológica. É preciso acompanhar, claro que não pode ser dependente.”</i>
Responsável 3	<i>“Talvez. Porque a tecnologia, querendo ou não é uma ferramenta que faz parte do ambiente onde estamos inseridos”</i>
Responsável 4	<i>“Sim. As novas tecnologias vêm avançando cada vez mais se tornando necessária e hoje com a pandemia que estamos vivendo o acesso a tecnologia é primordial para o acesso as aulas remotas para o aprendizado das crianças.”</i>
Responsável 5	<i>“Sim, porque diante do cenário em que vivemos a tecnologia tornou se imprescindível, quem não tem acesso fica desatualizado de informações.”</i>
Responsável 6	<i>“Sim, por que todas as informações hoje são postadas nos celulares e redes sociais, trabalhos, escolas...”</i>
Responsável 7	<i>“Sim, pois principalmente por conta desta pandemia, onde todas atividades são remotas (plataformas digitais). Além disso, a escola da minha filha, há mais de 3 anos, ou seja, desde que ela tinha 7 anos de idade, a escola utiliza para a leitura a "Arvore de Livros", além das atividades na biblioteca. Com esta pandemia, a relação dela com os Colegas e Escola e familiares se dá através por chamadas telefônicas, whastApp, etc.”</i>

Fonte: Própria Autoria, 2021.

Observa-se a partir das respostas, que os pais estão preocupados em não deixar os filhos desatualizados neste mundo moderno, e com certeza podemos entender os motivos que os preocupam. Já que é algo que todos utilizam, por que meu filho não poderia? Mas, sabemos que a obsolescência tecnológica é real e em um período mais rápido que imaginamos teremos uma super inovação. No livro de L’ecuyer (2019, p. 43) ela traz a citação de outros autores, que discorrem sobre isso:

“Não há dados que fundamentem a tese segundo a qual as crianças pequenas necessitam, para poder aprender, de familiarizar-se com a tecnologia. O fato de as crianças gostarem de algo, ou de os pais pensarem que algo lhes agrada, não quer dizer que esse algo seja educacional, nem sequer que esse algo seja bom para eles. As crianças também gostam de doces.” (apud LINN e POUSSAINT, 2001)

Partindo desse princípio, sabemos que comer doces é prazeroso, mas caso exageremos estamos suscetíveis à problemas de saúde, ou seja, é necessário que exista ponderação – nem tudo que as crianças acham bom, é realmente bom para elas. Sendo assim, pode-se refletir: já que os aparelhos possuem tempo de validade, as crianças precisam ter contato o mais cedo possível?

Caso exista um desejo de preparação para esse mundo digital, o fundamental seria que as crianças fossem simplesmente, educadas. Anteriormente citei o contexto de estar preparado e maduro para certo tipo de exposição, ou seja, é imprescindível que as crianças saibam primeiramente questões óbvias e fundamentais de educação: o que é certo, errado, o que se pode ou não fazer, para estarem preparadas assim que entrarem em contato com mundo digital.

Além disso, a tecnologia vem sendo cada vez mais fácil de ser aprendida, para os nativos digitais então, é quase que automático. As crianças irão desperdiçar anos “únicos da sua educação aprendendo a usar umas tecnologias que, seguramente, serão obsoletas no momento em que chegarem no mundo do trabalho.” (L’ECUYER, 2019, p. 82)

É importante destacar que a pandemia trouxe uma nova realidade e as crianças, mesmo que se recusassem a utilizar os dispositivos, teriam que usufruir para que acompanhem as aulas, de forma *online*. Nota-se que os pais relacionam bastante a desatualização com as aulas que estão sendo feitas por este meio, o que realmente os preocupam para que os filhos não fiquem sem a presença da escola em casa.

Já no quadro 3, pode-se observar respostas representativas da amostra dos pais, atreladas à percepção de riscos ou perigos que os filhos correm pela utilização intensa dessas tecnologias digitais.

Quadro 3. Você percebe algum risco ou perigo para seu filho em decorrência do uso intenso de equipamentos eletrônicos como smartphones, tablets, computadores, TV e jogos eletrônicos? Quais?

Responsável 1	<i>“Acredito que tudo deve ser monitorado buscando estar atento ao uso das crianças, meus filhos são muito pequenos pra usarem sozinhos esses aparelhos mesmo no modo infantil requerem atenção. O risco existe sim como por exemplo a criança ter contato com jogos, vídeos ou pessoas dos quais ofereça perigo a ela, e o uso excessivo pode causar uma dependência onde a criança sinta que precisa ter acesso a tecnologias pra se divertir”</i>
Responsável 2	<i>“Sim. Existem conteúdos diversos no meio infantil, que não são para eles. Já encontrei vídeo de pedofilia no meio dos vídeos infantis. O que me fez proibir o uso do Youtube, por exemplo. Eles só usam o Kids, e com programas que bloqueiam atividades suspeitas.”</i>
Responsável 3	<i>“Sim, vício, informações distorcidas, risco de abusos.”</i>
Responsável 4	<i>“Sim, por ser asperger (autista leve muito inteligente) ele fica bem agitado pois são inúmeras informações em uma pesquisada que ele dá na Internet.”</i>
Responsável 5	<i>“Sim, podem ter problemas de vista ou dor de cabeça no futuro.”</i>
Responsável 6	<i>“Sim. Riscos e/ou perigos são vários: acesso a temas, assuntos e pessoas incompatíveis com sua idade; acesso fácil a temas abordados de forma errada; apesar, do uso de aparelhos ser controlado, mas pode ocorrer problemas se vista, lesões na região cervical, punhos, cotovelo, dedos, mãos....”</i>
Responsável 7	<i>“Sim, dependência, falta de leitura, problema de vista.”</i>
Responsável 8	<i>“Estressado, não dorme direito.”</i>
Responsável 9	<i>“Sim! Não querer brincar, ficar somente em frente à televisão”</i>
Responsável 10	<i>Sim, sedentarismo, problemas visuais, agressividade</i>
Responsável 11	<i>“Sim, com acessos a imagens, informações a contatos inadequadas para seu amadurecimento apesar de nossas orientações. Problemas nos olhos e postura, além de questões emocionais.”</i>

Fonte: Própria Autoria, 2021.

Observa-se nesse quadro 3 que os pais estão atentos aos perigos que os aparelhos podem causar aos seus filhos, falam de moderação, riscos de dependência e de conteúdos sexuais, problemas físicos, sedentarismo e entre outros. No primeiro capítulo, citamos alguns dos problemas que podem acometer o indivíduo que usa de forma descomedida. A Sociedade Brasileira de Pediatria, produz alguns documentos que informam sobre esses problemas e dão possíveis soluções e formas de lidar – tanto para pediatras, professores e pais.

De acordo com a SBP (2019), o uso de dispositivos por bebês desde cedo e de forma prolongada, atrapalha o desenvolvimento cognitivo, podendo causar um atraso na fala e linguagem. Além disso, é possível que as crianças e adolescentes tenham “tecnoestresse”, causado pela dependência de jogos ou desenhos, pois ao ver certas imagens – principalmente violentas – elas não sabem como lidar porque não possuem maturidade o suficiente para receber

emoções que não estão acostumadas e isso ocasiona irritabilidade, agressividade, ansiedade e depressão.

Seguindo o mesmo documento, os pediatras alertam sobre o brilho, mais precisamente sobre a luz azul presente nas telas, que causam um bloqueio na melatonina – um hormônio responsável pelo sono – gerando dificuldades ao dormir, pesadelos e terror noturno, aumento de sonolência diurna, problemas de memória e na aprendizagem. Além disso, a perda auditiva pode ser um dos sintomas, principalmente pelo uso de fone de ouvido de forma incorreta com um volume acima do suportado.

Existem algumas recomendações para esses casos, os indivíduos que usam as telas por muito tempo precisam passar por exames oftalmológicos frequentes, para avaliar a acuidade visual e corrigir eventuais problemas. Deve-se manter o monitor sempre limpo, alterar as configurações para que fique com baixa luminosidade e com mais contraste, mantendo uma distância de 60cm do olho até a tela. Além disso, é importante realizar pausas de 5 a 10 minutos, para se obter o relaxamento ocular. (ESTEFENON, 2013)

As crianças e jovens estão suscetíveis à riscos de transtornos da alimentação, em decorrência da mídia propor um modelo ideal de corpo, ao transmitir estereótipos de magreza. Por outro lado, existe o risco da obesidade. Pelo fato de ficarem por horas em frente às telas, existe um ganho de peso - pois não se pratica atividades físicas ou brincadeiras. Como recomendação, pode-se propor e aconselhar sobre uma alimentação saudável, aproveitar os momentos de refeições em família, conversar sobre a imagem corporal, além de entusiasmar a autoestima. Outro risco, é obter problemas posturais, como desvio de coluna, dores no pescoço e mão, além de falta de cálcio, por conta da pouca exposição solar, que nos oferece vitamina D (Estefenon, 2013). No quadro 4 abaixo, a Sociedade Brasileira de Pediatria elencou diversos problemas e alertas nessa era digital.

Quadro 4. Principais Problemas Médicos e Alertas de Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital da Sociedade Brasileira de Pediatria

- Dependência Digital e Uso Problemático das Mídias Interativas;
- Problemas de saúde mental: irritabilidade, ansiedade e depressão;
- Transtornos do déficit de atenção e hiperatividade;
- Transtornos do sono;
- Transtornos de alimentação: sobrepeso/obesidade e anorexia/bulimia;
- Sedentarismo e falta da prática de exercícios;
- Bullying & cyberbullying;
- Transtornos da imagem corporal e da auto-estima;
- Riscos da sexualidade, nudez, sexting, sextorsão, abuso sexual, estupro virtual;
- Comportamentos auto-lesivos, indução e riscos de suicídio;
- Aumento da violência, abusos e fatalidades;
- Problemas visuais, miopia e síndrome visual do computador;
- Problemas auditivos e PAIR, perda auditiva induzida pelo ruído;
- Transtornos posturais e músculo-esqueléticos;
- Uso de nicotina, vaping, bebidas alcoólicas, maconha, anabolizantes e outras drogas.

Fonte: SBP (Adaptado), 2019.

No quadro seguinte (Quadro 5), questionei aos responsáveis o comportamento dos filhos no momento em que solicitam o desligamento dos aparelhos, observa-se algumas reações similares aos problemas citados pela Sociedade Brasileira de Pediatria, como a irritabilidade e o estresse. Além dessas situações, os pais demonstram que os filhos não sabem o que fazer, ao parar de ver as telas e isso acontece pela superestimulação causada pelos movimentos rápidos de desenhos ou jogos, já citado no primeiro capítulo.

Em suma, ressalta-se a importância de não diagnosticar nenhum desses comportamentos sem o auxílio de profissionais preparados e capacitados, como psicopedagogos, psicólogos, pediatras, com o auxílio dos relatos dos pais sobre o que acontece na residência, considerando o contexto familiar, suas regras e vivências.

Quadro 5. Em algum momento pediu para que seu filho desligasse a televisão (ou outro aparelho) notou um comportamento diferente? Se sim, como ele ficou?

Responsável 1	<i>“Sim, com raiva e chorou.”</i>
Responsável 2	<i>“Vejo, que nos dias de usar o video game por exemplo, ele fica chateado com o horário de desligar. Aqui são as 21h. Mas, sempre acata.”</i>
Responsável 3	<i>“Ficou bravo, pois permito o jogo apenas por meia hora se passa desse tempo</i>

	<i>ele fica agressivo.”</i>
Responsável 4	<i>“Sim, ele fica triste e com raiva de mim e me perturbando até que eu devolva.”</i>
Responsável 5	<i>“Todos os dias. Entediados de não saber o que fazer sem tela dentro de casa.”</i>
Responsável 6	<i>“Sim, ficou dizendo que não tinha o que fazer...”</i>
Responsável 7	<i>“Sim. Noto que há um descontentamento e o humor piora!”</i>
Responsável 8	<i>“Já pedi e a resposta é ‘o que eu vou fazer’?”</i>
Responsável 9	<i>“Sim, demonstram irritação, ficam nervosos e agressivos.”</i>

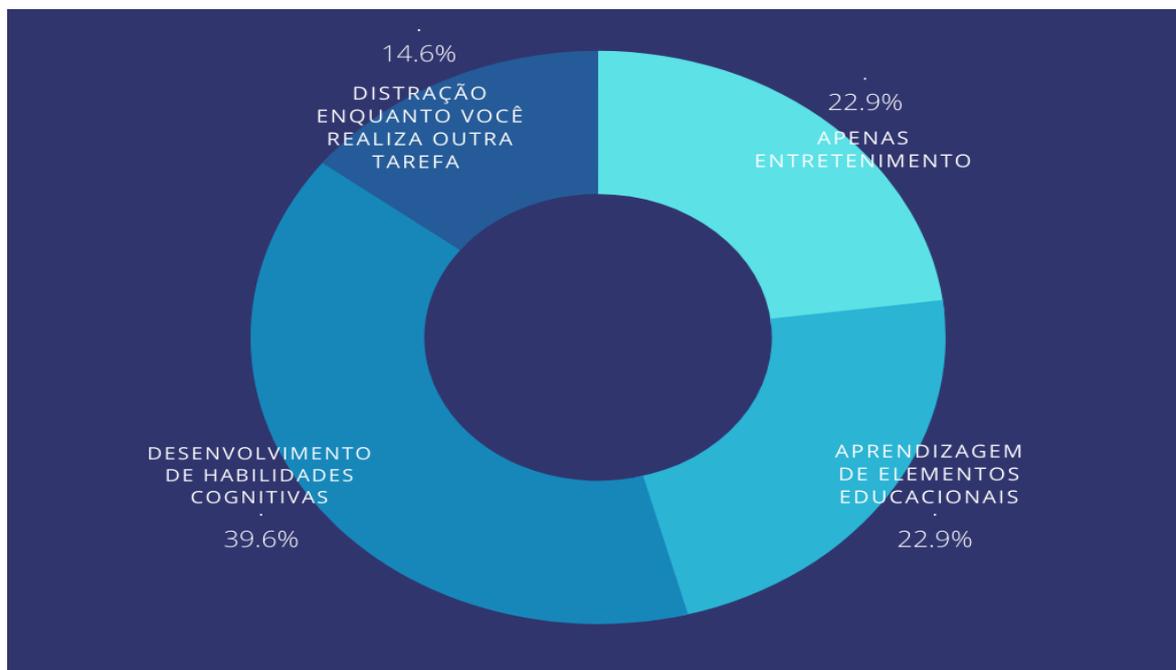
Fonte: Própria Autoria, 2021.

Notamos aqui, na resposta do ‘Responsável 8’ um outro questionamento, que é, “o que eu vou fazer”? As crianças estão tão acostumadas ao permanecerem o tempo todo vendo alguma coisa nas telas, que não sabem lidar com o ócio, o silêncio, as brincadeiras manuais e estão sempre precisando de estímulos.

A mente da criança acostuma-se a uma realidade que não existe na vida cotidiana real. É, então, quando a mente volta a experimentar a vida cotidiana real, tudo lhe parece extremamente aborrecido, porque não consegue ver beleza do cotidiano. Como não vê beleza, a criança não se sente atraída por nada e torna-se distraída (a distração é o oposto da atração) e, portanto, converte-se num ser dependente do ambiente. (L'ECUYER, 2019, p. 177)

Ao permanecerem conectadas, existe um distanciamento entre a criança, seu convívio familiar e o afeto. O afeto acontece assim que existe uma ligação com o outro, pelo amor, que constitui um amplo aspecto de sentimentos que estão ligados pelas relações, é imprescindível que os vínculos sejam compartilhados para que os laços afetivos sejam solidificados, auxiliando assim o processo de desenvolvimento. (Amorim e Navarro, 2012)

Quadro 6. Caso disponibilize o uso de smartphones, tablets, TV, computador ou jogos eletrônicos para seu filho seu objetivo maior é:



Fonte: Própria Autoria, 2021.

Considerando o quadro 6 se observa um gráfico gerado a partir do que é apontado pelos pais sobre o que objetivam quando disponibilizam a utilização de “telas” para os filhos, percebe-se que a maioria dos pais e/ou responsáveis têm como objetivo que eles desenvolvam habilidades cognitivas e em seguida que aprendam elementos educacionais – nota-se assim que eles apenas desejam que os filhos possam contato com a tecnologia para que se desenvolvam e se aperfeiçoem. Onze dos vinte e oito entrevistados colocaram como resposta “apenas entretenimento” e sete deles, para que se distraiam enquanto os pais realizam outra tarefa. Notamos aqui também, que o uso das telas pode ser um artifício de “congelamento” da criança, enquanto os cuidadores necessitam de silêncio, calma ou relaxamento.

Trazendo para o contexto de pandemia que se vivencia, no quadro 7 são expostas algumas respostas dos pais e/ou responsáveis no que diz respeito a esse contexto e o consumo de telas.

Quadro 7. Você acha que durante a pandemia o consumo de telas pelos seus filhos aumentou? Como está sendo esse momento?

Responsável 1	<i>“Com certeza a impossibilidade de sair de casa causou na nossa rotina um período maior das crianças com acesso a telas.”</i>
Responsável 2	<i>“Aumentou, mas como aqui já tínhamos regras de uso, não foi nada absurdo. Antes usavam sábado e domingo, hj libero as sextas tb. Dia de semana, só podem assistir TV (séries e desenhos).”</i>
Responsável 3	<i>“Aumentou, estão ficando cerca de 4 horas pela manhã em frente à tela. Quanto tem lockdown ficam duas horas por semana com aulas de inglês, quando não tem aula presencial. Todas as provas da menina são feitas à tarde com acesso a tela, bem como as atividades, muitas são no computador. O menino fica uma hora e meia por semana tendo catequese aula online.”</i>
Responsável 4	<i>“Aumentou MUITO. O acesso era mínimo, com aproximadamente, 7 horas na semana, um pouco mais na TV. De março de 2020 para cá, tivemos de adquirir novo tablet, pois o que ela tinha não dava conta (pouco velocidade e memória), tive de disponibilizar um celular antigo que tinha, e todos estes movimentos se deram pela necessidade diante das demandas de aulas e atividades a fazer.”</i>

Fonte: Própria Aatoria, 2021.

Pelo que se aponta, não se pode discutir que o contexto do Coronavírus a partir do ano de 2020 no Brasil tornou todos os indivíduos, independente da sua circunstância, mais isolados e certamente mais envolvidos com a realidade digital, além de interferir em toda a vida social e pessoal que afeta os sentimentos e as motivações, principalmente por ser um momento de muita fragilidade.

Nota-se a partir das respostas a preocupação e o aumento do uso de telas que se obteve a partir do isolamento social, além disso, um dos entrevistados informou que apesar de ter aumentado, as regras foram fundamentais para não ser algo desproporcional. É fundamental nesse período que exista um acompanhamento mais próximo das crianças, principalmente por se tratar de um momento delicado que acaba interferindo na vida de tantos adultos, provavelmente esteja os afetando da mesma forma. Tono (2021, p. 53) elenca algumas propostas para esse período:

Resta discernimento, harmonia e sabedoria da “família”, de como lidar com as circunstâncias criadas e quanto mais requeridas com a pandemia, com os teletrabalhos, as teleaulas, as atividades caseiras compartilhadas, as comunicações instantâneas, principalmente frente às incertezas em relação ao futuro, porque certamente nada será igual como antes. [...] este é um momento de grande oportunidade para cada “família” rever, resgatar e remodelar a essência do olhar e do cuidado entre os seus membros, em plena era digital.

Os pais necessitam ter um olhar atento e cuidadoso em direção aos filhos, principalmente para não se sentirem culpados em um momento como o que

estamos enfrentando, mas também tendo a consciência da importância de não deixar de conviver, estabelecer regras, direcionamentos e contato regular, especialmente de afeto, com os filhos.

Quanto à relação exposição à telas e consumo, o quadro 8 apresenta alguns posicionamentos representativos das respostas obtidas na amostra.

Quadro 8. Você percebe que ao ver TV ou ter acesso a aparelhos seu filho tende a ser mais consumista? Fique à vontade para expor alguma situação que vivenciou.

Responsável 1	<i>“Não percebi, pq não compro o que pedem. Já ensinamos o consumo do que se precisa. O mais velho tem me pedido um celular e não vamos comprar. Sempre pontuamos que ele não tem idade pra isso. E, que no momento temos outras prioridades. Um dos argumentos foi o livro da escola que custou 2 mil reais... ele entendeu.”</i>
Responsável 2	<i>“Sim, as propagandas das tvs e o acesso a internet propicia muito esse consumo, minha filha pequena já pediu tipo uma lol rara que nem ela sabe o que vem dentro, pq em um vídeo no YouTube ela vê uma apresentadora abrindo as lols.”</i>
Responsável 3	<i>“Quanto à consumo não, pois sempre a orientamos sobre a intenção das propagandas em querer nos vender produtos, mesmo que não temos necessidade. Ela é super tranquila quanto a isso. A influência ainda se dá por conta dos brinquedos que os colegas da escola têm.”</i>
Responsável 4	<i>“Com certeza. Vivem pedindo coisa que visualizam na internet e também para comprar jogos”</i>
Responsável 5	<i>“Não, temos um combinado de não ver propaganda e não temos TV aberta ou s cabo. Apenas aplicativos.”</i>

Fonte: Própria Autoria, 2021.

Identifica-se que os pais estão conscientes sobre como as propagandas disponíveis nas mídias influenciam as crianças e adolescentes. Mas também notamos um pulso firme em relação ao que pedem e que não cedem as vontades dos filhos. As propagandas infantis infelizmente não estão disponíveis apenas na TV aberta ou à cabo, mas em diversas plataformas com fácil acesso. Existem no *Youtube*, assim como a responsável 2 nos relata, uma apresentadora mostra todas as bonecas que ela tem; e fazendo uma rápida busca por esse site, encontramos incontáveis vídeos similares a esse, que causam influência na criança.

A sociedade capitalista é de uma forma geral, consumista. Sabe-se que existe uma indústria infantil, desde a criação e propagação do rádio e da televisão que se empenham em gerar conteúdos, fabricar mercadorias e anunciar para esse público. Os publicitários se preparam para entender o mercado infantil, o

status econômico familiar e como acontece o poder de compras exercido pelas crianças dentro dos lares domésticos. (Rich, 2013).

O grande fator da mídia é influenciar as crianças, a partir das propagandas, e com isso ocorre um problema, pois elas não possuem capacidade o suficiente de diferenciar e de julgar tais informações. Essa é uma vulnerabilidade que o *marketing* alcança ao disponibilizar publicidade infantil, pois não percebem a persuasão que vem por trás. (IGLESIAS et al., 2013).

Dando continuidade a pesquisa, foi perguntado aos responsáveis, “a escola em que seu filho frequenta já teve reuniões/ palestras informativas sobre o uso de tecnologias digitais por crianças?” A maioria informou que nunca houve informações sobre esse assunto e outras sim, em decorrência da pandemia. Considerando que estamos em uma nova realidade, sabe-se que houve uma urgência em desenvolver o ensino remoto, por conta do isolamento social e por consequência a maioria das escolas estão transmitindo as aulas via atividades síncronas e assíncronas.

Silva (2013) relata o estado de perplexidade que a escola se encontra, pois vive em um período de transição de eras, a escola continua a mesma, mas as crianças e jovens já não são como antes. Segundo ele, replicando o constructo de Prensk (2001), existem dois tipos de indivíduos, o imigrante digital, que teve o contato com a tecnologia mais tarde na vida e os nativos digitais, que já sabem falar essa língua, esses passam o tempo inteiro conectados, não têm mais paciência para aulas expositivas e acessam qualquer conteúdo facilmente, apenas com uma busca pela *internet*.

Há uma dificuldade em incluir a tecnologia dentro da escola e torná-la mais convidativa para esses novos estudantes. Mas, por outro ponto de vista, L'ecuyer (2016) relata que existem estudos que alertam sobre os malefícios de substituir o caderno pelo *tablet*, por exemplo, sendo a escrita fundamental para a aprendizagem da leitura e os movimentos realizado à mão, dão um melhor reconhecimento do que realizados na tela. Além disso, nos informa que um dos precursores da tecnologia atual, Steve Jobs não permitia que seus filhos utilizassem *lpad* e ainda limitava o uso de outras telas, inclusive para estudos.

Caso a escola tome essa decisão de adotar o uso de certas tecnologias na sala de aula, é necessário que haja prudência e responsabilidade, consistindo em estarem atualizados sobre estudos científicos acerca desse tema, informar aos pais os prós e contras para que eles estejam cientes e concordem ou não com essa decisão (L'ecueyer, 2016). Sabe-se que o contexto do Covid-19 chegou de modo repentino, sendo assim, não houve tempo de preparação suficiente para as escolas. No futuro, seria indispensável que houvesse políticas públicas direcionadas para a criação de formação continuada para esses professores, diretores, coordenadores escolares para que consigam auxiliar os alunos e pais com reuniões, debates e esclarecimentos no que diz respeito a esse tema, pois a escola é fonte de conhecimento e possui um papel imprescindível em fornecer bons exemplos para pais e cuidadores.

Em continuação aos questionamentos apresentados aos componentes da amostra, o quadro 9 apresenta algumas respostas relacionadas ao acesso de informações e o uso excessivo de tecnologias digitais.

Quadro 9. Já teve acesso a alguma informação relacionada ao uso excessivo de tecnologia digitais por crianças?

Responsável 1	<i>“Sim. Leio com frequência. Busco informações que acabam embasando nossa decisão de colocar dias específicos e com horários e nos mantermos firmes, pois não é fácil.”</i>
Responsável 2	<i>“Sim, em uma disciplina no meu curso de pedagogia, é tanto que quase não uso meu Instagram e Facebook.”</i>
Responsável 3	<i>“Sim. Já li alguns estudos.”</i>
Responsável 4	<i>“Sim! Que faz mal.”</i>
Responsável 5	<i>“Não.”</i>

Fonte: Própria Aatoria, 2021.

Ao ler as respostas do quadro acima, nota-se que os pais possuem certo conhecimento em relação aos malefícios do uso excessivo dos aparelhos. O responsável 1, informa que não é fácil manter a decisão de ter horas e dias programados. Mas qual será a recomendação para esse uso?

De acordo com a SBP (2019) crianças menores de 2 anos não devem utilizar nenhum tipo de aparelho, nem de forma passiva; para crianças de 2 a 5 anos, o uso deve ser limitado por uma hora por dia, sempre com supervisão dos pais ou de responsáveis; as crianças de 6 a 10 anos, devem utilizar no máximo por duas horas por dia, também com supervisão; a partir de 11 a 18 anos, o uso

deve ser limitado da mesma forma, apenas de duas a três horas por dia. É recomendado que não utilizem telas durante as refeições e é preciso se desconectar uma ou duas horas antes de dormir.

Em busca do entendimento sobre o grau de proximidade que os pais e/ou responsáveis têm com seus filhos com o propósito de perceber a interação nessas relações voltadas para o acompanhamento, o quadro 10 aponta respostas significativas colhidas dos questionários.

Quadro 10. Você considera que tem uma relação próxima dos seus filhos? Por quê?

Responsável 1	<i>“Sim e não. Porque quando não estão com aparelhos eles require atenção pra ele e não pq tem horas q não tenho tempo como eles querem.”</i>
Responsável 2	<i>“Sim, porque fazemos quase tudo em família. Até mesmo quando ela está na televisão, procuro estar por perto.”</i>
Responsável 3	<i>“Não, pois trabalho muito.”</i>
Responsável 4	<i>“Sim. Mantemos um bom nível de interação e diálogo.”</i>
Responsável 5	<i>“Sim. Gosto de passar o tempo com ele, isso já é o primeiro passo de vários.”</i>
Responsável 6	<i>“Sim. Temos a relação de confiança necessária para prestar esclarecimentos e conscientização sobre a realidade tanto no mundo virtual como no real.”</i>
Responsável 7	<i>“Temos pq trabalhamos isso. Procuramos desenvolver atividades que envolva todos da família e quando é na tecnologia, pedimos para que nos ensine ou apresente o que mais gosta quando está assistindo.”</i>
Responsável 8	<i>“Muita próxima. Porque sempre estamos fazendo nossas obrigações e nosso tempo de lazer próximas uma da outra. Jogamos juntas, assistimos programas e filmes juntas, lemos livros juntas ou ao mesmo tempo, sempre busco, estar ao máximo com ela e próxima dela.”</i>

Fonte: Própria Autoria, 2021.

Ao observar o quadro acima, nota-se que os pais desejam estar próximos dos filhos o máximo que puderem, por mais que não tenham tempo o suficiente para isso, eles fazem atividades juntos, ajudam-se mutuamente e principalmente, constroem diálogos diários.

Percebe-se que a maioria possui uma boa relação com os filhos e trabalham bastante para que esse relacionamento tenha êxito. Desenvolver atividades diárias com os filhos, longe dos dispositivos, seria uma boa forma de construir esse relacionamento e de se distanciar de longos períodos em frente à tela. Proponha-se a refletir: o que meus filhos estão perdendo ao ficarem presos aos dispositivos tecnológicos? A família é um porto seguro para os filhos, é necessário que aproveite os momentos de lazer, férias, tempo livre com tempo de

convivência com os familiares, sem o uso de tecnologia, mas com afeto e felicidade. (SBP, 2016)

Em 2016, o Conselho Regional de Medicina do Estado do Paraná (CRM-PR) realizou uma campanha para que cada responsável “Conecte-se com o que importa”. Nessa campanha, vemos o outro lado: o uso abusivo de tecnologia pelos pais e cuidadores, causando omissão nos cuidados com as crianças. Apesar de ter explorado o lado do uso excessivo pelas crianças, precisamos levar em consideração esse outro ponto de vista, que infelizmente existe e como os pais são exemplos, podem estar influenciando nesse aspecto.

Quando a criança percebe que está sendo vista, está sendo percebida - ela acredita que o mundo se importa com ela (pois o mundo é visto a partir do principal cuidador). O educador precisa estimular o encanto natural que elas têm pelas coisas do mundo. É esse o problema das telas, ela não possui filtro, nem uma interpretação da realidade, não existe sensibilidade humana, tudo o que a criança enxerga, ela acaba absorvendo, sem uma mediação humana e educadora. É preciso que os aspectos da realidade sejam contemplados e interpretados. Com a tela não existe vínculo afetivo, nem filtro, nem modulação da vontade.

Por isso, é importante que filtremos o que chega até as crianças sendo agentes geradores de cultura, promovendo conteúdos que correspondam à ecologia humana das crianças. Se todos os pais fizessem isso, nossas ruas, a programação televisiva para certas faixas horárias etc. se transformariam em espaços limpos de pornografia, de imagens e de linguagens deprimentes e violentas. (L'ECUYER, 2015)

Por certo, buscar um uso cuidadoso das telas por crianças e jovens requer a educação necessária de pais e/ou responsáveis com vistas a um mundo mais equilibrado, a começar por esse cuidado com esses indivíduos em formação, mais vulneráveis em todos os aspectos.

CAPÍTULO 3

Reflexões gerais e o alcance da pesquisa

Observou-se que os estímulos que as telas provocam nas crianças causam apatia e descontentamento com a realidade. Elas possuem um encantamento natural, um desejo de conhecimento que vai sendo apagado a medida que oferecemos esses estímulos. Além disso, há um excesso de informações que não passa por um filtro, por não existir mediação, que consomem a atenção e causam a distração.

A brincadeira passa a ser um ponto fundamental, que vem sendo cada vez menos explorado pelas crianças. Elas não sabem o que fazer, caso não estejam na televisão. A brincadeira é a atividade da qual as crianças aprendem, contam narrativas e absorvem a realidade. Ela experimenta o mundo, nota-se ao observar uma criança brincando a possibilidade de narrativas que ela descreve e propõe, por exemplo, "agora vamos fingir que somos invisíveis" elas vão imaginando sensações, sentimentos, seja de derrota ou de vitória.

O quanto a criança está perdendo de experiência real e vivida enquanto ele está preso às telas? Ele se priva de experiências que constroem o seu desenvolvimento, perde a vivência de conhecer os próprios limites, não aprendem a lidar com as frustrações, nem desenvolvem questionamentos. Sem isso, não há diálogo entre a criança e seu principal cuidador, que deveria fazer o papel de mediador da realidade.

Existem outras ações simples que podemos encontrar com facilidade: ter contato com a mãe grávida, ver que é um processo lento; observar as mudanças de estações do ano, ver uma lagarta se transformando em borboleta. Todas as explorações que demandam tempo, diferentemente do que encontramos nas mídias. Acerca disso, os filhos ficam entediados, irritados porque a realidade não está passando imagens o tempo todo, oferecendo infinitas possibilidades de informação. Por isso há o questionamento "o que farei, se eu não ficar na televisão?"

Ao solicitar que desliguem a televisão (ou aparelhos tecnológicos) percebe-se irritação, sentimentos de tédio, nervosismo e agressividade. Perde-se a inclinação natural do desejo de descobrir a realidade, porque não existe a admiração. Estudar já não é mais tão interessante, brincar com o irmão também não, não há interesse em conversar com o outro, nem se for para dar um beijo no pai, que acabou de chegar em casa do trabalho.

Por isso, precisa existir uma preparação e maturação das crianças antes de lidar com o imenso mundo virtual. Caso não exista essa preparação, podemos comparar com uma situação hipotética: largar o filho em uma floresta por um dia. Antes disso, não houve nenhuma preparação, ele não sabe quais animais são perigosos, de quais frutos ele pode se alimentar, não sabe se localizar e muito menos, não existe ninguém preparado ao seu lado experiente e consciente, para protegê-lo.

Existem algumas situações em que os aparelhos são necessários, principalmente no contexto pandêmico, manter um relacionamento com pessoas que estão distantes – inclusive crianças – muitas desejam conversar com os avós, tios, ou qualquer outro familiar; além disso, foi necessário manter um contato com as escolas, para que o acesso às aulas continuasse e em algumas situações, era a única opção de entretenimento.

O importante, além de conhecer os perigos, é se perguntar se vale a pena expor por tanto tempo os filhos nas telas. Eles perdem o contato com a família, com conversas que poderiam ficar marcadas para sempre, brincadeiras com os irmãos, pais e educadores, leituras que auxiliam no processo de imaginação e de preparação para outras vivências. Ao ver as imagens nos filmes, não precisamos nos esforçar para imaginar o que o autor quis escrever, mas ao ler um livro, esse esforço precisa acontecer.

Por fim, analisando os dados coletados das pesquisas, percebe-se que existe um consenso em que as tecnologias usadas exacerbadamente fazem mal, mas por estarem tão entranhadas na nossa sociedade, nem sempre se consegue impedir o uso, tanto dos filhos, como dos responsáveis. Resta-nos difundir esse conhecimento, para professores, pais e educadores no geral, para que saibam

aconselhar e propor formas de utilizar o quão mais tarde for possível, deixando as portas abertas para que as crianças encarem a realidade e a conheçam.

Precisamos considerar que a criança é protagonista da sua educação, não existe a necessidade de estímulos exteriores para que ela se desenvolva. Ela vai descobrindo e aprendendo através da curiosidade e é isso que a motiva a agir. Deve-se respeitar os ritmos, as necessidades básicas, a inocência e principalmente: não precipitar suas etapas naturais. A criança precisa crescer no seu ritmo, os pais e educadores oferecem o que ela precisa e a protegem do que não convém. (L'ecuyer, 2016).

Resgatando a principal questão de pesquisa e as acessórias em consonância com os objetivos pretendidos é possível tecer algumas considerações com base no que se apresentou nas representações dos pais e na pesquisa em bibliografia sobre o tema. Assim, entre as consequências relacionadas à utilização de tecnologias digitais por criança de forma excessiva, estão o isolamento social, o estresse tecnológico, a dificuldade de relacionar-se no mundo real, a limitação do brincar, inerente à toda a criança, a super estimulação das telas que podem produzir dificuldades de sono, entre outros problemas ligados à saúde, complicações no estudo, com resistência e até repulsa, dificuldade de concentração, enfim, esses e outros reveses, como explicações, tanto estão presentes na literatura quanto nas representações colhidas dos pais e/ou responsáveis, o que confirma ao principal objetivo pretendido.

Ao buscar compreender os motivos que justificam a superexposição, algumas vezes proporcionada pelos pais das crianças às telas, é possível inferir diversas explicações que vão desde proporcionar lazer e descontração, passatempo, passando por estimulação cognitiva, à uma forma de ocupar o tempo da criança enquanto se descansa das dificuldades cotidianas. Então, tanto na literatura quanto na representação dos pais, não é possível identificar alegações de razões que se sobressaem nesse aspecto.

No que se refere à identificação de riscos que o uso excessivo de tecnologias digitais pode causar às crianças, se percebe que há uma

preocupação geral dos pais quanto a isso, ainda que alguns não saibam identificar claramente esses riscos. Alguns apontam para preocupações de dependência, exposição à abusadores digitais e à conteúdos impróprios, o que está em consonância com o que se descreve na literatura à respeito. Por fim, é perceptível, tanto no material bibliográfico pesquisado, quanto nas percepções dos participantes da pesquisa que o uso comedido e monitorado de tecnologias digitais por crianças tem também seus benefícios e cabe aos pais o uso responsável para que as crianças não padeçam das consequências indesejáveis, mas que estejam inseridas no universo digital, inevitável na convivência em nossos dias.

Efetivamente a pesquisa realizada também aponta caminhos para continuação no futuro, pois é perceptível o desconhecimento dos pais sobre aspectos importantes em relação à proteção de seus filhos em relação às tecnologias digitais. Muitos posicionamentos apresentados motivam para busca de novas explicações que só o prosseguimento nessa trajetória trará.

Considerações Finais

Constata-se pelas análises realizadas nessa pesquisa, que a tecnologia é e será algo permanente em nossos ambientes de lazer, educacionais e familiares. Todos os nossos entrevistados e seus filhos, estão conectados com a *internet* e possuem aparelhos tecnológicos – a realidade digital vem atingindo e influenciando cada vez mais a cultura e por consequência, a família. É indiscutível que estamos e precisamos estar sempre mais conectados, inclusive em decorrência do Covid 19, notamos a importância de ter o uso de dispositivos tecnológicos.

Apesar de reconhecer os benefícios, os cuidadores devem reconhecer que além das vantagens e melhorias que as mídias nos oferecem, precisamos encarar que o uso excessivo não traz tantos benefícios como imaginamos, principalmente em relação as crianças. Analisamos os riscos disponíveis nas redes e de como esse mundo midiático pode influenciá-las, tanto na personalidade, quanto na aprendizagem. Observamos também os perigos físicos: problemas auditivos, oftalmológicos, posturais e alimentares. Ao observar os dados coletados, pode-se perceber a falta de acompanhamento de pais, enquanto os filhos navegam pela internet e apesar de ter a existência do controle parental, nada melhor que o nosso cérebro para discernir e aconselhar as crianças.

Precisa-se estar atento em relação aos dispositivos tecnológicos, sabe-se dos benefícios e essa pesquisa teve como principal objetivo mostrar os perigos em que as crianças estão suscetíveis ao utilizá-los. É necessário que os pais, responsáveis e educadores tenham um olhar atento para esse ponto e se ajudem mutuamente nesse processo, analisando o contexto familiar, sua forma de viver e seu relacionamento com os seus. Além disso, profissionais como pedagogos, psicólogos, psicopedagogos e médicos podem se aperfeiçoar no assunto para estarem preparados e capacitados ao instruir os indivíduos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Cristiano Nabuco; EISENSTEIN, E.; ESTEFENON, S.G.B. **Vivendo esse mundo digital: Impactos na Saúde, na Educação e nos Comportamentos Sociais.** São Paulo: Artmed, 2013.

ABREU, Cristiano Nabuco de et al. **Família & Tecnologia: promoção do uso inteligente da tecnologia no seio da família.** Brasília: Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2021.

BRANDÃO, I.A.; WHITAKER, M.C.; OLIVEIRA, M.M., et al. **Jogos eletrônicos na atenção à saúde de crianças e adolescentes: revisão integrativa.** Acta Paul Eferm. 2019;32(4):464-9.

BRYANT, J.A. Como se desenvolveu a indústria da mídia infantil? In: MAZZARELA, S.R. & col. **Os jovens e a Mídia.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

CÂMARA, H.V.; et al. **Principais prejuízos biopsicossociais no uso abusivo da tecnologia na infância: percepções dos pais.** Id on Line Rev. Edição eletrônica. V.1 4, N. 51 p. 366-379, Julho/2020. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2588/4088>>. Acesso em 09 de abril de 2021.

CARVALHO, A. **A família na atualidade.** Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/psicologia/a-familia-na-atualidade.htm>> Acesso em 15 de abril de 2021.

CETIC. TIC Kids Online Brasil – 2019 Crianças e adolescentes. Disponível em: <<https://cetic.br/pt/pesquisa/kidsonline/indicadores/>> Acesso em 04 de abril 2021.

COSTA, M.E.; PIVA, S.Z. **O uso do smartphone por adolescentes: a percepção dos pais.** Artigo de Conclusão de Curso em Psicologia da UNISUL, 2020. Disponível em <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/10440>. Acesso em 09 de abril de 2021.

CRM-PR, Conselho Regional de Medicina do Paraná. Conecte-se ao que importa, campanha em defesa das crianças, 2016. Disponível em <<https://www.crmpr.org.br/Conectese-ao-que-importa-campanha-em-defesa-das-criancas-11-47111.shtml>> Acesso em 24 de abril de 2021.

DE AMORIM, Márcia Camila Souza; NAVARRO, Elaine Cristina. **Afetividade na educação infantil.** Revista Eletrônica Interdisciplinar, v. 1, n. 7, 2012.

ESTEFENON, S. 18 Efeitos nocivos à saúde de crianças e adolescentes pelo uso excessivo das tecnologias da informação e comunicação. In: ABREU, Cristiano Nabuco; EISENSTEIN, E.; ESTEFENON, S.G.B. **Vivendo esse mundo digital: Impactos na Saúde, na Educação e nos Comportamentos Sociais.** São Paulo: Artmed, 2013, p. 221-233.

FERNANDES, Claudia Mascarenhas; EISENSTEIN, Evelyn; DA SILVA, Eduardo Jorge Custódio. **A criança de 0 a 3 anos e o mundo digital**. SBP, 2018. Disponível em <<https://www.essemundodigital.com.br/news/a-crianca-de-0-a-3-anos-e-o-mundo-digital>> Acesso em 20 de abril de 2021.

FLICK, U. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, Artmed, 2009.

FREIRE, Emerson. **Sociedade e tecnologia na era digital**. São Paulo, Érica, 2014.

GÓES, Dora. Dependência e redes sociais: O impacto da tecnologia na família. In: ABREU, Cristiano Nabuco de et al. **Família & Tecnologia: promoção do uso inteligente da tecnologia no seio da família**. Brasília: Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2021, p. 59-73.

IGLESIAS, Fabio; CALDAS, Lucas Soares; LEMOS, Stela Maria Santos de. **Publicidade infantil: uma análise de táticas persuasivas na TV aberta**. Psicologia & Sociedade, v. 25, n. 1, p. 134-141, 2013.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Papirus editora, 2003.

L'ECUYER, Catherine. **Educar na realidade**. Tradução de Nuno Viana. São Paulo: Edições Loyola, 2019. Título Original: Educar en la realidad.

L'ECUYER, Catherine. **Educar na curiosidade: como educar num mundo frenético e hiperexigente?** Tradução de Angela Cristina Costa Neves. São Paulo: Edições Fons Sapientiae, 2015. Título Original: Educar en el asombro: ¿cómo educar en un mundo frenético e hiperexigente?

LIMA, E.S.; LYRA, K.S.; ARAÚJO, M.K.P.; ANDRADE, F.W.C. **Os avanços tecnológicos no brincar da criança na atualidade: prejuízos e benefícios no seu modo de subjetivação**. Revista Lumen, v. 25, n. 1, jan./jun. 2016, p. 113-126.

LUNA, Cajetan. Uma web perturbada pela violência. In: ABREU, Cristiano Nabuco; EISENSTEIN, E.; ESTEFENON, S.G.B. **Vivendo esse mundo digital: Impactos na Saúde, na Educação e nos Comportamentos Sociais**. São Paulo: Artmed, 2013, p. 60-71.

MARTINS-JUNIOR, Joaquim. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso**. Petrópolis-RJ: Vozes. 2015.

MORAIS, Tito. Segurança na Net e a cadeira de 4 pernas. In: ABREU, Cristiano Nabuco; EISENSTEIN, E.; ESTEFENON, S.G.B. **Vivendo esse mundo digital: Impactos na Saúde, na Educação e nos Comportamentos Sociais**. São Paulo: Artmed, 2013, p. 288-298.

PEDROSO, C.M.S.; BONFIM, E.L.S. **O impacto da tecnologia no ambiente e suas consequências na escola**. Rev. E-Faceq, Ano 6, nº 10, ago. 2017. Disponível em http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20171030115836.pdf. Acesso em 09 de abril de 2020.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Tradução: Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sergio Lima Silva - 24º Ed. Rio de Janeiro: FORENSE UNIVERSITARIA, 1999.

PRENSK, Marc. **Digital natives, digital immigrants**. In: On the horizon. NCB University Press, Vol. 9, nº 5, October, 2001.

REIS, Linda. **Produção de monografia, da teoria à prática**. Brasília: SENAC-DF: 2008.

RICH, Michael. As mídias e seus efeitos na saúde e no desenvolvimento de Crianças e adolescentes: reestruturando a questão da era digital. In: ABREU, Cristiano Nabuco; EISENSTEIN, E.; ESTEFENON, S.G.B. **Vivendo esse mundo digital**: Impactos na Saúde, na Educação e nos Comportamentos Sociais. São Paulo: Artmed, 2013, p. 31-46.

SABINO, Fernando Tavares. **O grande mentecapto**: relato das aventuras e desventuras de Viramundo e de suas inenarráveis peregrinações: romance. Editora Record, 1979.

SBP, Sociedade Brasileira de Pediatria. **Benefícios da natureza no desenvolvimento de crianças e adolescentes**. 2019. Disponível em <<https://bityli.com/idCgb>> Acesso em 15 de abril de 2021.

_____. **Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital**. 2016. Disponível em <<https://bityli.com/1lz4H>> Acesso em 10 de abril de 2021.

_____. **Uso saudável de telas, tecnologias e mídias nas creches, berçários e escolas**. 2019. Disponível em <<https://bityli.com/dcMJz>> Acesso em 10 de abril de 2021

_____. **#Menos Telas #Mais saúde**. 2019. Disponível em <<https://bityli.com/D5urs>> Acesso em 10 de abril de 2021.

SILVA, Patricia Konder Lins e. A escola na era digital. In: ABREU, Cristiano Nabuco; EISENSTEIN, E.; ESTEFENON, S.G.B. **Vivendo esse mundo digital**: Impactos na Saúde, na Educação e nos Comportamentos Sociais. São Paulo: Artmed, 2013, p. 137-145.

SILVA, E.R.T.; BORTOLOZZI, F.; MILANI, R.G. **O brincar digital e o uso das tecnologias na saúde das crianças**. PERSPECTIVAS EM DIÁLOGO: Revista de Educação e Sociedade. v. 6 n. 13, 2019.

TEIXEIRA, E.R. **Percepção dos pais sobre o brincar digital e o impacto do uso das tecnologias na promoção da saúde das crianças**. 2018. 65 f. Dissertação (Mestrado em Promoção da Saúde) - Centro Universitário de Maringá, UNICESUMAR, Maringá. Disponível em <http://rdu.unicesumar.edu.br/handle/123456789/5974>. Acesso em 09 de abril de 2021.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O senhor dos anéis**: a sociedade do anel. HARLEQUIN, 2019.

TONO, Cineiva Campoli. O papel da escola e da família na promoção da cultura e cidadania digital. In: ABREU, Cristiano Nabuco de et al. **Família & Tecnologia: promoção do uso inteligente da tecnologia no seio da família**. Brasília: Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2021, p. 51-58.

WERNECK, Anna Flora et al. Projeto navegar com segurança. In: ABREU, Cristiano Nabuco; EISENSTEIN, E.; ESTEFENON, S.G.B. **Vivendo esse mundo digital: Impactos na Saúde, na Educação e nos Comportamentos Sociais**. São Paulo: Artmed, 2013, p. 278-287.

APÊNDICES

Apêndice 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

O uso de tecnologias digitais por crianças

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Olá, meu nome é Maria Esther.

Você está sendo convidado a participar da pesquisa 'O uso de tecnologias digitais por crianças', que tem como objetivo compreender os hábitos familiares em relação aos aparelhos digitais nos dias de hoje, principalmente o uso de telas por crianças. Sua participação no estudo consistirá em responder algumas perguntas relacionadas ao objetivo deste trabalho, além de questões socioeconômicas.

O questionário terá uma duração de mais ou menos 6 minutos. Sua participação é voluntária, você tem a liberdade de não responder ou interromper o questionário a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Além de ter a liberdade de retirar seu consentimento, mesmo após o início do questionário.

Está assegurada a privacidade, seu anonimato e o sigilo das suas informações. O uso dessas respostas servirão como base para a elaboração do meu TCC para a Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), sob a orientação do Prof. Hélio José Santos Maia.

Desde já agradeço sua colaboração. Coloco-me à disposição para eventuais esclarecimentos. Maria

Esther da Costa Alexandre

Matrícula: 160136318

61 991425137 / esthercostax@gmail.com

Você concorda em participar da pesquisa? *

Sim

Não

Apêndice 2

Questionário Aplicado

O uso de tecnologias digitais por crianças

*Obrigatório

Qual é seu gênero? *

- Feminino
- Masculino
- Outro: _____

Qual é sua faixa etária? *

- 18 a 20 anos
- 21 a 29 anos
- 30 a 39 anos
- 40 a 49 anos
- 50 a 59 anos
- 60 anos ou mais

Em qual cidade e estado você mora? *

Sua resposta _____

Qual a sua renda familiar?

- Até R\$1.100
- R\$ 1.100 até R\$ 3.000
- R\$ 3.000 até 4.000
- R\$ 4.000 ou+

[Voltar](#)

[Próxima](#)

 Página 2 de 4

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

O uso de tecnologias digitais por crianças

*Obrigatório

Quantos filhos você tem? *

- 0
- 1
- 2
- 3 ou +

Qual a faixa de idade do seus filhos? *

Sua resposta _____

Sua residência possui conexão com a internet? *

- Sim
- Não

Qual desses aparelhos tecnológicos você possui na sua residência? *

- Televisão digital
- Tablet
- Smartphones
- Notebook
- Outro: _____

Alguns desses aparelhos pertence ao seu filho e ele usa exclusivamente? Se sim, quais? *

Sua resposta _____

Com qual frequência seus filhos têm acesso a telas? *

Sendo 1 nunca, 2 raramente, 3 às vezes, 4 muitas vezes, 5 sempre

- | | | | | | | |
|-------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|--------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Nunca | <input type="radio"/> | Sempre |

Com qual frequência você acompanha o que seu filho assiste? *

Sendo 1 nunca, 2 raramente, 3 às vezes, 4 muitas vezes, 5 sempre

- | | | | | | | |
|-------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|--------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Nunca | <input type="radio"/> | Sempre |

Você ocupa a rotina dos seus filhos com diversas atividades? (Inglês, teatro, passeios e etc.) *

Sendo 1 nunca, 2 raramente, 3 às vezes, 4 muitas vezes, 5 sempre

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	Sempre				

Caso disponibilize o uso de smartphones, tablets, TV, computador ou jogos eletrônicos para seu filho seu objetivo maior é: *

- Apenas entretenimento
- Desenvolvimento de habilidades cognitivas
- Apenas passatempo para que não incomode
- Aprendizagem de elementos educacionais
- Para distração enquanto você realiza outra tarefa
- Outro: _____

Você acredita que seu filho ficaria ultrapassado ou desatualizado caso não tivesse acesso aos aparelhos tecnológicos? Por quê? *

Sua resposta

[Voltar](#)

[Próxima](#)

 Página 3 de 4

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários

O uso de tecnologias digitais por crianças

*Obrigatório

Você percebe algum risco ou perigo para seu filho em decorrência do uso intenso de equipamentos eletrônicos como smartphones, tablets, computadores, TV e jogos eletrônicos? Quais? *

Sua resposta

Você acha que durante a pandemia o consumo de telas pelos seus filhos aumentou? Como está sendo esse momento? *

Sua resposta

Você percebe que ao ver TV ou ter acesso a aparelhos seu filho tende a ser mais consumista? Fique à vontade para expor alguma situação que vivenciou. *
Por exemplo, ao assistir uma propaganda de brinquedos, seu filho ficou com muita vontade de tê-lo.

Sua resposta

Em algum momento pediu para que seu filho desligasse a televisão (ou outro aparelho) notou um comportamento diferente? Se sim, como ele ficou?

Sua resposta

A escola em que seu filho frequenta já teve reuniões/ palestras informativas sobre o uso de tecnologias digitais por crianças?

Sua resposta

Já teve acesso a alguma informação relacionada ao uso excessivo de tecnologia digitais por crianças?

Sua resposta

Você considera que tem uma relação próxima dos seus filhos? Por quê? *

Sua resposta

[Voltar](#)

[Enviar](#)

 Página 4 de 4

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)